



COM APPROVAÇÃO DA AUCTORIDADE ECCLESIASTICA

Porto, 1 de Junho de 1914

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Dr. Manoel Gonçalves Cerejeira

ASSISTENTE ECCLESIASTICO

Dr. Ferreira Pinto

PROPRIEDADE DA COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA

SUMMARIO

O problema escolar em Portugal, Francisco Velloso. — Cumprindo o dever, A Redacção. — Feminismo, Pacheco d'Amorim. — Notas d'actualidade — Frederico Mistral, N. — Na brecha: — A « Questão Religiosa », de Bazílio Telles, Manoel Cerqueira Gomes. — Acção social catolica, J. d'Almeida Correia. — Chronica do mez, João de Castro. — Bibliographia, F. P.

PREÇO

Numero avulso.	150 reis
Por assignatura seis mezes.	750 »
um anno	1\$500 »

Todos os pedidos devem ser dirigidos á COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA
(SECÇÃO RELIGIOSA) Rua da Fabrica, 13 — PORTO

Collaboradores da LUSITANIA

D. Antonio Barroso, D. Antonio Barbosa Leão, D. Augusto Eduardo Nunes, D. Manoel Vieira de Mattos, Dr. Ferreira da Silva, Dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, Dr. Pacheco d'Amorim, Dr. Correia Pinto, Dr. Lino Netto, Dr. Domingos Pinto Coelho, João Franco Monteiro, Dr. Elias d'Aguiar, Dr. Agostinho de Jesus e Souza, Dr. Antonio Bento Martins Junior, D. José d'Azevedo e Menezes, Dr. Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, Dr. Mendes dos Santos, Dr. Santos Motta, Dr. Antonio d'Oliveira Salazar, Padre Guimarães Dias, Dr. Silvio Péllico, Mons. Domingues Múriz, Dr. Almeida Correia, Dr. Gonçalves Cerejeira, Dr. Castro Meirelles, Dr. João Ramos de Castro, Dr. João Cavaco, Dr. Pinheiro Torres, Dr. Agostinho Coutinho, Dr. Manoel Pereira dos Reis, Dr. Juvenal d'Araujo, Gomes Leal, José Agostinho, Visconde de Castilho, Padre Nestor Serafim Gomes, Dr. Fortunato d'Almeida, Dr. Ruella Ramos, Dr. Ferreira Pinto, Dr. Crispiniano da Costa, Conego Dr. Antonio Bernardo da Silva, Dr. Antonio de Carvalho e Dr. Arthur Bivar, Dr. Cunha Barbosa, Dr. Leite de Faria, D. Francisco d'Almeida, Zuzarte de Mendonça, Padre João Adelino Monteiro Vacondeus, etc.

Historia da Igreja em Portugal

— POR —

Fortunato de Almeida

Bacharel formado em Direito, Professor do Lyceu de Coimbra, Socio do Instituto da mesma cidade, da Sociedade de Geographia de Lisboa, e da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos

Volumes publicados

Tomo I—Desde as origens do christianismo na peninsula até á morte de D. Diniz (1325). Um volume de 800 pag., 2\$500 reis. — **Tomo II**—Desde a aclamação de D. Affonso IV até á morte de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 pag., 2\$500 reis.

Em publicação

Tomo III—Desde a aclamação de D. Manoel I até á morte de D. João V (1495-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fasciculos. — **Tomo IV**—Desde a aclamação de D. José I até á proclamação da republica (1750-1910). Um volume. — **Tomo V**—Os acontecimentos no tempo da republica. Um volume illustrado com grande numero de photographuras, e com muitos documentos.

Cada fasciculo de 80 pag., 250 reis. A cobrança é feita pelo correio, por grupos de dois fasciculos, depois de distribuidos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

IMPRENSA ACADEMICA 157, R. da Sophia
= COIMBRA =

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a approvação da Auctoridade Ecclesiastica

ANNO I

PORTO, 1 DE JUNHO DE 1914

N.º 6

Director e Proprietario:
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

Editor:
Dr. Manoel Gonçalves Cerejeira

Redacção:
Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO
Typ. Teixeira — Mario Antunes Leitão
Rua da Cancellia Velha, 70

O problema escolar em Portugal

AS REALISAÇÕES

Terminada a exposição dos principios, baixamos agora ao estudo das suas applicações praticas. No precedente artigo, estabelecemos que a organização-typo do ensino era e é sem duvida, pela justiça que lhe preside e pela equidade e liberdade que garante, a Repartição proporcional escolar. Dissémos em que ella consistia, sob o ponto de vista theorico e quaes as razões em que fundamentalmente se baseava. Entrando agora na parte das *realizações* praticas, nós havemos de ter sempre em vista procurar um systema de organização escolar que, adaptavel ás condições do nosso meio social, tanto quanto possivel se approxime da proporcionalidade, visto como ella é até hoje, a formula mais perfeita de salvaguardar a liberdade de consciencia do alumno, de mais largamente fomentar a instrucção em todas as classes da sociedade e consequentemente, o progresso d'uma nação.

Não é já muito novo o systema da Repartição proporcional escolar. Paizes como a Inglaterra, a Belgica e a

Hollanda, têm luctado, o primeiro por a conservar, o segundo por a conquistar, o terceiro por a aperfeiçoar cada vez mais. A Repartição proporcional escolar *é possível*, porque *é já um facto*.

Observêmos pois, attentamente o que se passou e está passando n'estas nações, aprendamos as lições da experiencia, e armados com os seus ensinamentos, devidamente elucidados, poderêmos discutir e fazer depois a sua applicação intelligente ao nosso paiz, como é fim d'este apagado estudo.

Nos dois primeiros artigos tractaremos da organização escolar na Inglaterra e na Belgica; dedicar-nos-hemos a seguir ao exemplo brilhantissimo que a Hollanda nos offerece; e subseqüentemente, analysaremos a situação escolar d'alguns paizes que ainda não applicaram a proporcionalidade escolar, como a Allemanha, a França e a Hespanha, para estabelecermos o contraste entre os varios systemas e aquelle que já preconisamos em principio, entregando-nos finalmente á analyse historica das organizações escolares em Portugal, sobretudo desde o regime constitucional, e ao estudo das condições de adaptabilidade do nosso meio á proporcionalidade.

*

Na Inglaterra.¹ — Em outubro de 1902 escrevia sir John Gorst:²

Se as luctas internacionaes do futuro deverão debater-se sobre os campos da industria e do commercio, as nações menos instruidas terão de contentár-se com uma situação subalterna e com as mais grosseiras tarefas da industria moderna, e todas as que exigirem gosto, habilidade, conhecimentos, caberão ás nações mais instruidas. Não é possível haver influencia imperial sem instrucção».

N'estas palavras d'uma concisão e clareza admiraveis se define o alcance pratico que os inglezes dão á ques-

¹ *La question scolaire en Angleterre*, por Paulo Boyaval, no livro *La R. P. S. Action Populaire de Reims*.

² *Nineteenth Century*.

tão momentosissima do ensino e do desenvolvimento da instrucção. Nem só, porém, por este lado do prestigio economico nacional foi ella encarada. Povo eminentemente religioso, a Inglaterra dentro em pouco viu nos debates escolares, uma questão religiosa. Os inglezes que teem a religião por inimiga, são infima minoria; para a maior parte, a civilisação moderna é filha do christianismo. Assim, ao passo que a necessidade do desenvolvimento da instrucção, como condição do engrandecimento futuro e conservação da hegemonia nacional, unia todos os patriotas; o caracter religioso do problema e as crenças religiosas dos cidadãos dividiram-nos. Catholicos e Anglicanos para um lado, não conformistas para o outro¹. Os primeiros consideráram e comprehenderam a magna importancia da questão, que n'um espaço de 60 annos dominára já o seu espirito, e esta preocupação reflectia-se bem nas palavras do grande cardeal Manning quando elle disse que não lançaria a primeira pedra da sua cathedral sem que primeiro, nas escolas, houvesse logar para todos os alumnos.

Como no continente, a lucta restringe-se quase exclusivamente ao ensino primario². No Reino-Unido, o ensino superior e o ensino secundario — que não correspondem aos nossos — gosam de muita independencia perante os poderes publicos. A cargo de Universidades e collegios antiquissimos, quase todos fundados durante a Edade-media e dotados de grandes rendimentos, um e outro ensino não soffrem intervenções dos governos locaes, e aquelles institutos barram o caminho ás instrucções governativas com os bastiões tradiccionaes da sua ciosa e indiscutida autonomia.

¹ Por não-conformistas se entendem os membros de todas as seitas protestantes dissidentes da chamada *velha igreja* anglicana: methodistas, baptistas, Wesleyanos, presbyterianos, *quakers*, etc.

² A escola *primaria* ingleza não corresponde á nossa. E' antes uma escola *elementar*, a distincção entre escola primaria e a secundaria é tambem muito tenue. Ha escolas *elementares* que ensinam o francez, o allemão e até o latim.

Não é muito facil destrinçar a situação legal das escolas primarias e as organizações escolares inglezas. Respeitadora dos costumes e direitos adquiridos, a legislação ingleza é muito confusa. « Os diversos systemas de educação não foram inventados por pensadores ou por estadistas. Resultam, ao contrario, de experiencias, de tentativas, de tradições, de triumphos, de desastres, de controversias religiosas. Não se encontra um plano delimitado e definido, mas o resultado de forças diferentes, alguma coisa como uma evolução e um crescimento naturaes ¹. »

Prestados estes esclarecimentos, entremos no estudo anteriormente proposto.

A questão escolar ingleza divide-se em dois periodos muito nitidos e muito precisos : a da cta que os separa, é a do *Education Act* de 20 de dezembro de 1902. Para comprehendermos devidamente a importancia d'este diploma, forçoso nos é conhecer, embora d'um modo geral, qual foi a situação até á da cta da sua publicação. A' Igreja Catholica cabe a honra de primeiro haver ministrado á velha Inglaterra intrucção e educação. Um historiador protestante de incontestada auctoridade, Leach, refere que antes da Reforma havia uma *Grammar School* por cada 8:300 habitantes ².

As guerras religiosas posteriores crearam uma situação diversa. Quando a questão escolar se levanta, encontramos cada communhão religiosa alimentando e sustentando pelos proprios fundos as escolas confessionaes que havia fundado. No orçamento geral do Estado não apparecia credito algum destinado á fundação de novas escolas nem lei alguma existia que impuzesse ás creanças a obrigação de frequentar as existentes.

Esta realidade, toda ella creada pela evolução historica, sempre orientou e foi respeitada pelo Estado inglez,

¹ *Encyclopedia Britannica*, t. XXVII, *Education* (1902), cit. por Boyaval.

² Vid. Piolet, *Questions d'Angleterre*, Paris, librairie des Saints Pères, 1 vol. 1906.

e assim é que nós podemos dizer que no tocante á instrucção e ao ensino, como aliaz a outros aspectos da vida social ingleza, toda a legislação repousa no acatamento do chamado principio particularista, no reconhecimento legal da iniciativa privada, contra o qual baldos teem sido os esforços dos inovadores revolucionarios que desgraçadamente estão abalando os alicerces da velha Albion, dando em terra com a sua hegemonia politica e economica a cujo levantamento se dedicáram os seus melhores soberanos, mais fulgurantes pensadores, e mais notaveis homens d'Estado.

Todavia, a acção combativa e o desejo de expansão de cada confissão religiosa creavam dentro em pouco difficuldades ao proprio desenvolvimento da instrucção. Se, por um lado, a emulação conduzia ao aperfeiçoamento dos methodos, como ainda hoje se verifica nas escolas livres; por outro lado, a insufficiencia de meios para occorrer ás exigencias d'aquelle desenvolvimento, tornava pezadissimo para cada confissão o encargo do ensino e paralytava e inutilisava todos os esforços. Reconhecendo isto, o Estado resolveu ajudal-os. Em 1833, começa por affectar á construcção de escolas alguns creditos, deixando ás dedicações individuaes o cuidado de as sustentar; e apoz treze annos, em 1846, paga os serviços dos professores e funda algumas bolsas d'estudo, pelo erario publico. Emfim, em 1861, adopta-se um systema definitivo que resume e define a organização escolar até 1870: — *iniciativas privadas* subvencionadas pelo Estado proporcionalmente ao numero de alumnos e aos resultados dos seus exames. A'parte esta coadjuvação, a intervenção do Estado limitava-se (desde 1839) a visitas dos inspectores do governo, encarregados de elaborarem relatorios sobre a situação pedagogica e hygienica das escolas.

Comtudo, apesar de este systema sêr, como diz Bernhardt ¹ excellente em si mesmo e conforme ao tempera-

¹ *L'Eglise catholique en Angleterre au commencement du XX siècle.*

mento do povo inglez, não poude elle obstar a que a iniciativa privada, pouco ajudada pelo Estado, cada vez mais se tornasse impotente para cumprir o que se propuzera.

E' então que apparece o famoso *Forster Bill* de 1870, que até 1902 foi, como escreve Boyaval, a carta do ensino primario na Inglaterra, e que tomou o nome do seu auctor, William Forster, membro do primeiro ministerio liberal presidido por Gladstone.

Vejamos as modificações introduzidas por elle e os resultados que d'elle advieram. O *Bill* de 1870 estabelece na Inglaterra o ensino official, ao lado ou na falta de escolas privadas sufficientes. O *systema* anterior subsistia; ao edificio antigo accrescentava uma construcção nova. As escolas livres continuavam a receber subsidios do Estado, mas o governo creava em cada districto uma comissão escolar (*School Board*) incumbida de agir em seu nome para supprir a insufficiencia das iniciativas particulares.

«Este *School Board* comprehendia cinco a quinze membros, eleitos pelos contribuintes. Cada eleitor tinha um numero de votos igual ao dos membros a eleger e o direito de accumular todos estes votos sobre um unico nome. D'este modo, ficava garantido ás minorias, pelo voto sobre um ou dois candidatos, o obterem uma representação na comissão escolar. O *School Board*, assim eleito e constituido, tinha por missão estabelecer escolas elementares por toda a parte onde a iniciativa privada o não tivesse feito ou não pudesse fazer por causa de novas exigencias. Os recursos financeiros eram constituidos pelos creditos parlamentares e por uma taxa especial levantada pelas auctoridades locais, isto é pelos conselhos das parochias, dos condados ou das cidades¹».

Sobre o ensino religioso, o *Forster Bill*, embora não estabelecesse a escola laica ou neutra, condicionava a escola official pela inconfessionabilidade. Cathecismo algum,

¹ Boyaval, *loc. cit.*, pag. 59.

formulario algum proprio a qualquer religião (*distinctive of any particular denomination*) podia lá ser ensinado.

E' a chamada *clausula Cowper Temple* (art. 14.^o). Era porém permittido ao *School Board* o consentir a leitura do Antigo e o Novo Testamento, com ou sem comentarios, e ainda mesmo a recitação do Padre-Nosso ao principiar da aula. As escolas livres, para perceberem subvenções do Estado, tinham de respeitar e cumprir a *clausula de consciencia*, segundo a qual em toda a escola com caracter confessional, as creanças, indistinctamente acolhidas, eram dispensadas do ensino religioso se seus paes assim o exigissem e este ensino religioso não podia sêr ministrado senão durante uma quinta parte do tempo destinado á aula, quer ao principio quer no fim d'ella ¹.

Conservaram-se os inspectores escolares, delegados do governo, creados pelo *act* de 1861, mas, nas suas visitas, não lhes era licito inquirir das opiniões e conhecimentos religiosos dos alumnos, nem examinal-os sobre assumptos ou por livros religiosos. A escola até 1891 não foi gratuita. Quanto á obrigatoriedade do ensino, o *bill* deixava ao *School Board* a liberdade de a decretar ou não, mas seis annos mais tarde, a lei de 15 d'abril de 1876 estipulava-a muito claramente.

Os paes eram obrigados a dar a seus filhos maiores de 4 e menores de 15 annos uma instrucção elementar efficaz, em leitura e arithmetica, (art. 1.^o) sob pena de: — *a*) vêrem ordenar pela justiça que a creança siga uma determinada escola (art. 11.^o); *b*) ficarem sujeitos, pela primeira infracção a uma multa de 50 schellings (comprehendidas as despezas) e a serem mandados os seus filhos a uma escola industrial (escolas de correcção de genero especial, creadas em applicação da lei escolar) art. 16.^o e seg. O emprego de creanças na industria e no commercio era prohibido áquellas que não satisfizessem á lei escolar, sob pena de 40 schellings de multa (art. 6), e os

¹ Convém fixar estas disposições porque ellas passaram para o *Education Act* de 1902 e ainda hoje vigoram, como veremos.

paes demasiado pobres para pagarem a quotisação escolar, poderiam obtê-la da commissão parochial ¹.

Eis o que regulava o *Bill* de 1870. Vejamos agora os seus resultados, sob os pontos de vista do desenvolvimento da instrucção, da liberdade do ensino confessional e da situação material das escolas.

O *Forster Bill* provocou sem duvida um notavel desenvolvimento da instrucção. As escolas livres que em 1870 eram, na Inglaterra e no Paiz de Galles, 8:281 com 1.693.000 alumnos, passavam a ser 14.354 com 3.056.000 alumnos, distribuidos pelas varias confissões, em 1902. As escolas officiaes creadas pelos *School Boards* subiam em 1902, a 5.728 com 2.600.000 alumnos. As subvenções do Estado augmentaram a tal ponto que em 1901, o Reino Unido dispendia com a instrucção 20 milhões de libras esterlinas!

Sob o ponto de vista da liberdade religiosa, o *Bill* de 1870 não obteve tão beneficos resultados, antes causou um geral descontentamento e uma agitação religiosa que ainda hoje não é possível fazer diminuir.

Pelos dados estatisticos que acima apontamos, facil é de vêr-se que o numero das escolas confessionaes e o das escolas inconfessionaes ou officiaes eram quasi eguaes. Este facto accusava logicamente um progresso da neutralidade do ensino. Foi este o resultado do *Forster Bill*, sob o ponto de vista religioso, resultado que marca uma

¹ O complemento indispensavel do ensino obrigatorio é a sua gratuidade para as creanças cujas paes vivem com necessidades (art. 23.º da lei de 1876) e esta disposição foi completada pela lei de 21 de dezembro de 1906 sobre cantinas escolares. Estas fornecem gratuitamente alimentação aos alumnos indigentes e vendem-na por 10 e 20 cent. aos outros. São dirigidas por um *School canteen committee*, especialmente encarregado d'este assumpto. « As escolas industriaes constituem, com as cantinas escolares, a característica mais saliente da legislação ingleza, diz Arthur Oliviers na *Revue Sociale Catholique* (set. 1911). Entram ambas no quadro da legislação infantil propria da Grã-Bretanha e que já por varias vezes attraheu a attenção dos legisladores estrangeiros.»

victoria dos não-conformistas inimigos irreconciliaveis da igreja estabelecida, ainda mais que da Catholica.

Quando os paes de familia não podiam construir uma escola voluntaria, ou os inspectores do governo declaravam insufficiente a escola livre existente e decretavam o estabelecimento de um *School Board*, os paes confessaes viam-se na alternativa dolorosa de sustentar com extremos sacrificios as suas escolas livres, em concorrência com o Estado, ou enviar seus filhos ás escolas officiaes. Ora, quando esta hypothese se dava, as creanças recebiam na escola *undenominational*, não o ensino da religião que professavam mas o de uma religião vaga, indeterminada e imprecisa, o minimo de religiosidade permittido pela *cowper Temple* que conduzia a uma completa ausencia de affirmações dogmaticas a que os inglezes chamam *Latitudinarism* e que o velho Gladstone denominava muito simplesmente « uma impostura ». Esta situação não desagradava ao espirito inconstante dos não conformistas em cujas mãos estavam quasi todos os *School Boards*, mas era absolutamente contraria á igreja anglicana e muito mais inaceitavel por todos os catholicos. Desde que os *School Boards* e os inspectores do governo ficavam com poderes discricionarios de adoptarem ou não as escolas livres existentes e uns e outros eram animados de um espirito sectario, a liberdade religiosa era palavra vã, inscripta nos programmas e nas leis, e a neutralidade do ensino tendia fatalmente a augmentar e ganhar adeptos, como em 1902 o provaram as estatisticas officiaes e nós já vimos.

Sobre o ponto de vista material das escolas, o *Forster Bill* não logrou melhores effeitos.

Na verdade, se todas as escolas tinham direito aos subsidios do Estado, sob a forma de creditos parlamentares, só as escolas officiaes — as *School Boards* — fruiam e aproveitavam as *rates* ou impostos locaes, levantados com expressa intenção de as auxiliar.

Este imposto local era pago por anglicanos, catholicos e não-conformistas, mas como apenas serviam á *Board School*, os cidadãos eram iniquamente forçados a

subvencionarem ao mesmo tempo a sua escola livre e a escola official, a que não mandavam os filhos, ou, quando não tinham meios para crear uma escola privada, a ajudarem, não menos injustamente, a escola official que não offerencia aos seus filhos a liberdade de consciencia nem o ensino da religião que professavam. Esta situação era manifestamente desigual, e creava aos catholicos uma somma esmagadora de sacrificios que dia a dia se tornavam insustentaveis, embora o Estado continuasse a subvencionar as escolas livres, com metade (1831) dois terços, e trez quartos (1897) do seu orçamento.

Accrescia tambem, que estas não podiam competir com os *Boards* na construcção de bellos edificios escolares, nem na estipendiação dos professores, e que aos *School Boards* era facultado o ordenar o augmento e melhoramento das casas das escolas livres, sem para tanto fornecerem o menor auxilio pecuniario, o que fez com que os catholicos inglezes, só em reparações e construcções novas, fizessem por anno a despeza de 400.000 libras esterlinas.

De toda esta perfunctoria analyse, conclue-se que o systema de organização escolar do *Bill* de 1870 foi de resultado funestos. Com razão dizia Chamberlain, em Birmingham, a 16 de maio de 1902, que os *Boards School* eram rivaes das escolas catholicas e implicavam a sua *destruição radical*.

A lucta renasceu, pois. Os Anglicanos viram-se na dura necessidade de abandonarem as suas escolas; os catholicos, mais pobres e mais tenazes, só á custa de heroicos esforços conseguiram conservar as suas.

Entretanto, a agitação crescia. A questão escolar occupava todas as atenções. E nas eleições de 1894, as candidaturas debatiam-se em torno d'ella.

D'esta vez, porém, coube a victoria aos partidarios do ensino livre, e apoz uma serie de medidas liberaes que desafogáram a consciencia religiosa ingleza, a situação transformou-se radicalmente com o *Education Act* de 20 de dezembro de 1902.

Elle é, escreve um auctor, a Magna Carta do ensino,

actualmente em vigor. Obra dos conservadores-unionistas e dos partidarios do ensino livre, a lei foi concebida antes de tudo o mais, n'um espirito de justiça e n'um corajoso esforço pela equidade. Com effeito o *act* de 1902 consagra uma quase completa egualdade, sob o ponto de vista fiscal, entre as escolas livres e as escolas primarias publicas.

Sigamos os gráus da sua elaboração, estudemos, a sua economia e os seus caracteres principaes.

O *Education Act* foi proposto á camara dos Communs em 24 de março de 1902 pelo gabinete Salisbury. A queda d'este não impediu que o seu successor, presidido por Balfour, o patrocinasse e sustentasse. Este mesmo homem d'Estado o apresentou á camara n'um discurso notavel pela clareza e moderação:

«Ninguém pode estar mais convencido do que eu, da difficuldade da missão e tarefa que o governo emprehendeu... E é unicamente porque sentimos que a necessidade que o *bill* está destinado a remediar, é uma necessidade instante; unicamente porque pensamos que não é licito, por deferencia para com a honra nacional, addial'o por mais tempo, — que estamos decididos a submeter á Camara a solução do grande problema que, durante tantos e longos annos, se apresentou ao espirito dos legisladores e reformadores.»

Nem todos, porém, reconheceram a verdade d'estas affirmações, e a discussão nasceu entre uma verdadeira tempestade que não amainou senão com a votação final do *bill*. A opposição exigiu, contra os usos parlamentares, o voto para a primeira leitura.¹ Apesar da viva discus-

¹ Sabe-se que o regulamento parlamentar da Inglaterra differe consideravelmente do nosso. Quando um *bill* é introduzido na Camara dos Communs, é votado em *primeira leitura*, ou, mais exactamente, acceitam-n'o sem voto, pois que esta acceitação quer dizer que é *tomado em consideração*, e em nada prejudica o debate. A seguir vem a *segunda leitura*, por occasião da qual se trava discussão sobre o *principio* da lei. Vota-se apenas sobre o principio, mas adquirido este voto, o principio da lei está praticamente acceite. — Quando a segunda leitura está

são suscitada, o principio da lei foi votado por grande maioria. Na *Commissão da Camara* é que a opposição foi mais desesperada e tão longa que tendo o debate começado em junho só terminava a 11 de novembro e ainda assim apenas estavam votados 12 artigos, sobre 25. N'esta altura Balfour resolveu lançar mão d'um meio raras vezes adoptado. Os 13 artigos restantes foram divididos em secções e d'este modo pôde o *bill* sêr votado na *Commissão* a 28 de novembro. Alguns dias depois transitava para a *Camara dos Communs*, onde o approvou uma maioria de 134 votos, e em seguida passava á dos *Lords*, onde, apoz vivissima discussão, era votado, a 19 de dezembro.

As tempestuosas discussões parlamentares repercutiram-se cá fóra, na opinião publica. Por todo o reino se ergueu feroz campanha.

«Nada foi desprezado, diz Piolet¹, entre o que podia sobreexcitar a opinião, os *meetings*, as petições, as eleições parciais. Toda a gente contribuiu para isso, os chefes de partido, os prégadores, as associações. Não houve revista que a esta questão, a questão vital do momento, não consagrasse um ou muitos artigos subscriptos por um nome notavel. Nem um só jornal houve que não enchesse columnas com artigos de fundo, relatos das sessões parlamentares, reclamações e resoluções votadas em tal ou tal *meeting*. As agencias levaram quotidianamente aos quatro cantos do globo o echo d'estas controversias e tal

terminada, a *Camara dos Communs* constitue-se em *Commissão* composta pela *Camara inteira*, onde todos os paragraphos do *bill* são discutidos, apresentadas todas as emendas e adicionamentos. — Uma vez admittido, o *bill* é de novo submittido á *Camara*, reunida como Parlamento para uma *terceira leitura* que, como a primeira, é ordinariamente uma formalidade. E' entã o *bill* transmittido á *Camara dos Lords* que o pode rejeitar, admittir ou modificar, com a restricção de que lhe é prohibido introduzir uma emenda implicando novas despesas, porque as iniciativas que causam despesas publicas é privilegio exclusivo da *Camara dos Communs* — Emfim, realisado o accôrdo, é o *bill* submittido á assignatura regia e promulgado. (Nota de Boyaval, *ibid*).

¹ *Questions d'Angleterre, ibid*, p. 14.

era a agitação que se teria imaginado que estava em jogo o proprio futuro do Imperio».

As attitudes variavam consoante as crenças. Os não-conformistas eram os apostados adversarios do *bill* e lançaram as suas 300 seitas ao assalto. A derogação d'aquelle minimo de religiosidade imposto á escola publica constituia para elles, de religião minimizada, uma verdadeira derrota.¹

Os catholicos, os anglicanos e os conservadores unionistas eram favoraveis ao *bill*. Os anglicanos, mais do que os catholicos eram os alvejados pela opposição não-conformista. Na verdade a egreja anglicana gosava, em materia de ensino, uma situação absorvente, de monopolio. Possuia o maior numero de escolas livres (11:713), 6.300 districtos escolares onde exercia a instrucção sem concorrentes, e além d'isto grandes rendimentos e larga influencia. Era este predominio, que o não-conformismo invejava, e que alimentou o ardor de toda a sua campanha que tomou graves proporções em alguns centros do Reino-Unido, sobretudo em Birmingham, a cidadela de Chamberlain.

Por outro lado, não faltaram receios e sustos aos partidarios do *bill*. No mais accêso da lucta, 80 deputados nacionalistas irlandezes desertaram em massa. Não valêram chamamentos e conselhos para os demovêr de taes propositos. Uma carta eloquentissima e emocionante do cardeal Vaughan a John Redmond, chefe do partido irlandez, apenas foi ouvida por 8 deputados, entre os quaes Healy, uma das glorias do Parlamento britannico, que declarou: — «Se, votando contra o ensino religioso, eu pudesse comprar a autonomia da Irlanda, não quereria, mesmo a preço das liberdades da minha patria, sacrificar a salvação da mais humilde creança irlandeza no exilio.»

Felizmente, os que não desertaram, cumpriram o seu

¹ Esta opposição diz Verhaegen, não era simplesmente religiosa, havia tambem um aspecto social que não podia sêr desprezado. Vid. Verhaegen, *La crise de l'enseignement primaire en Angleterre (Réforme Sociale*, jan. e fev. 1906).

dever até ao fim, e o *bill* foi, como vimos, transformado em lei.

Examinêmos agora, embora de leve e geralmente, a economia do *Education Act*.

Em primeiro lugar, foram supprimidos os odiosos *School Boards*. A administração da instrução publica compête á auctoridade académica superior (*Board of Education*). Abaixo d'ella funcçionam as auctoridades locaes: *local education authority*, que serão, consoantes os casos, os Conselhos dos condados ou dos cantões independentes (*County Council* e *County Borough Council*). Para evitar que as questões administrativas que entram no quadro da sua acção distraiam a sua attenção da questão escolar, foi resolvido que a esses Conselhos locaes apenas caberá a administração financeira das escolas, delegando os seus poderes para o resto, n'uma sub-commissão chamada *Education Committee*. D'aqui se vê o estabelecimento de uma descentralisação notável. As novas auctoridades locaes poderão levantar *rates* ou taxas escolares, mas — eis a inovação — estas aproveitarão a todas as escolas que perfaçam as condições exigidas para obterem o titulo de escolas publicas, sem que se attenda, diz a lei, á presença ou ausencia d'um ensino religioso. Os terrenos e construção das escolas profissionaes ficam, como d'antes, a cargo dos *supporters*, mas a conservação dos edificios e material já existentes passam a cargo da auctoridade local (emenda do duque de Norfolk) o que representa para as escolas catholicas uma economia de cêrca de 100 contos annuaes.¹

Por outro lado, o *Education Act* dá ás auctoridades locaes consideraveis poderes. As escolas são dirigidas por um conselho de seis directores, quatro nomeados pelos fundadores e proprietarios e os dois restantes designados pela auctoridade local. Pertence a este conselho a nomea-

¹ O *Education Committee* fiscaliza ainda o ensino, nas materias profanas, inspecçiona as escolas, fixa o programma de cada classe, decreta alterações e edifica novas escolas.

ção e demissão dos professores, com as seguintes condições: — Os professores principaes devem munir-se de diplomas e certificados; as nomeações do conselho devem ser approvadas pela auctoridade local e esta não pôde recusar a approvação ao escolhido senão fundando-se em razões de educação e de insufficiencia pedagogica; a nomeação dos professores é feita exclusivamente pela auctoridade local precedendo concurso.

Sobre o ensino religioso, para as escolas publicas ¹ ainda vigora o *Act* de 1870, e nas escolas livres, deve a educação religiosa sêr dada consoante a vontade dos fundadores. Todavia, uma emenda do coronel Kenyon-Slaney inutilizou em parte as disposições liberaes do *Education Act*. « A educação religiosa, diz ella, n'uma escola elementar não sustentada pela auctoridade local, será dirigida conforme o contracto da sua fundação, se elle existir, e será fiscalizada pelo conselho dos directores ». Apezar da opposição vehemente dos catholicos, esta emenda foi patrocinada pelo governo, receoso de que o apodassem de reaccionario, e logrou a approvação parlamentar por 211 votos contra 41.

Estudemos os principaes caracteres do *Education Act*.

As suas disposições não fôram applicadas a todas as regiões do reino. Londres obteve um *bill* especial, se bem que muito semelhante a este. A Escossia manteve a sua organização escolar de 1560. A Irlanda continua a regular-se pelo *systema* creado em 1831 pelo gabinete Grey, modificado em 1900 segundo o qual uma commissão de catholicos e anglicanos é encarregada de distribuir os fundos votados pelo governo.

E' inegavel que a lei de 1902 representa o triumpho e a realisação d'um alto pensamento de justiça, quer no tocante á distribuição dos impostos escolares, quer no

¹ As escolas são de duas especies: as escolas voluntarias (*non provided schools*) cujos recursos não são fornecidos pela auctoridade local, e as escolas publicas (*provided schools*), que dependem das finanças do condado.

que diz respeito á liberdade de ensino religioso. Comtudo, alguns pontos ha que não podem furtar-se ás observações da critica. Assim, uma das características mais salientes d'este *bill* é a extraordinaria auctoridade dos poderes locaes. Dos seis directores das escolas, dois são nomeados pelo *Education Committee* que é escolhido entre os membros do protestante *County Council*. Os poderes locaes teem na mão o orçamento das escolas livres, o que constitue um perigo. A escolha dos proprios livros de texto, em materia secular, tambem lhes compete. A esta accumulção de poderes juntou-se por fim a emenda Slaney, decidindo que a educação religiosa fique sob a fiscalisação dos directores leigos. Embora especial e directamente dirigida contra os ritualistas anglicanos — com o fim de oppôr um dique á fragmentação da igreja estabelecida — certo é que ella derruba e contraria a hierarchia catholica romana, creada por Jesus Christo e sustentada pela sua Igreja. Os catholicos, porém, comprehendiram que o *Act* accusava um progresso enorme sobre os *systemas* anteriores, e em vez de se lançarem abertamente na campanha árdua dos protestos, preferiram, e com razão, confiar n'aquella «excellente coisa» que, diz Piolet, os inglezes chamam o *fair play*, mescla de lealdade, de honestidade, e de dignidade que ensina a não abusar dos beneficios d'ellas e a ser justo para com os proprios adversarios».

A applicação do *Education Act* de 1902 encontrou no paiz obstaculos a vencer.

Tradição e progresso, liberdade religiosa, liberdade politica, mas com todas as transições e gradações reclamadas pelo respeito devido ao costume, eis em tudo e por toda a parte o methodo inglez, escreveu Fouillée ¹. Sob este aspecto a lei correspondeu ás necessidades do momento, embora o seu apparecimento subito constituisse um salto no vacuo, como disse um escriptor.

Ao mesmo tempo tratava-se de reformar d'alto a

¹ *Esquisse d'une psychologie des peuples européens*, p. 125.

baixo o systema de educação, e de fazer frente á concorrência allemã e americana que ameaçava a industria nacional. Porém, os não-conformistas não se accommodavam á liberdade garantida ás escolas anglicanas e catholicas. A mesma liberdade lhes era concedida, mas não era ella que mais os preocupava, senão a atmospherá religiosa que nas escolas rodearia as creanças das suas creanças. « A importancia da instrucção religiosa na escola é sem duvida muito grande, declarára Dillon, mas muito maior é ainda a atmospherá religiosa que lá se respira ». Em 1902, lord Hugo Cecil confirmava : — « Uma escola da egreja estabelecida, uma escola wesleyana, uma escola romana catholica são escolas de duas portas, e a segunda conduz á egreja ou á capella e põe a creança em contacto com a influencia de tal ou tal confissão religiosa ». E como á dacta da votação da lei a immensa maioria das escolas voluntarias pertenciam á Egreja estabelecida, os não-conformistas recusavam-se a acceitar uma situação que, de facto, prejudicava ou pelo menos não protegia as creanças de seus filhos ¹. A resistencia organisou-se primeiramente nas massas, e em seguida por meio da acção legislativa.

A sua primordial forma foi a resistencia passiva, recusando-se a pagarem as taxas escolares levantadas pelas auctoridades locaes, na parte dedicada e affectada ás escolas livres. Os recebedores, porém, recusaram-se a acceitar o imposto incompleto e os tribunaes forçaram os recalitrantes ao cumprimento da lei ². Por outro lado, as auctoridades locaes, sobretudo no Paiz de Galles, onde o

¹ Dom Besse, *Revue catholique des institutions et du droit, La question scolaire dans les pays étrangers*, fevr. 1912.

² No mez de julho de 1905 compareceram deante dos juizes cincoenta mil pessoas e em março de 1906 estavam presas mais de cem e haviam-se effectuado mil e seiscentas vendas em hasta publica. « Os *passive resisters* », dizia Balfour no Parlamento ao encerrar a legislatura de 1903, carecem de logica: recusam a pagar as taxas porque se ensina, em certas escolas uma religião differente da sua, e são os primeiros a exigir que se empregue o dinheiro de todos a ensinar em todas as escolas uma religião por elles unicamente admittida! »

governo teve de intervir para refrear as suas excessivas liberdades, deram provas de singular incapacidade e sectarismo. O *act* entregára-lhes exorbitantes poderes e estas concessões tornavam muito contingente e ameaçada a existencia legal do ensino livre.

Batem no entretanto á porta as eleições de janeiro de 1906 e os liberaes obteem uma consideravel maioria. A resistencia legislativa contra o *act* começou. Em abril d'esse anno, o ministro da instrucção Birrell, não-conformista, abriu fogo com um projecto de lei, segundo o qual só a escola official (*provided*) podia receber subsidios do Estado ou da Communa. A instrucção religiosa ficava reduzida a um extracto das doutrinas communs a todas as confissões christãs. A opposição surgiu veemente e d'esta vez sómente dos catholicos. A 5 de maio reunem-se em Albert Hall, quarenta e duas mil pessoas, sob a presidencia do Arcebispo de Westminster, Mgr. Bourne e promettem resistir contra o projecto até ao ultimo alento, recebem de joelhos a benção e retiram-se entoando o *God save the King*. O projecto dentro em pouco era rejeitado pela Camara dos Lords. Em 1907, o novo ministro, Mackenna renovava o assalto com um projecto de ordem financeira. « Os administradores das escolas confessionaes deveriam reembolsar as auctoridades loaes do montante da retribuição destinada á instrucção religiosa n'esses estabelecimentos ».

Assim os catholicos deviam pagar o ensino religioso dos seus filhos e ainda o dos filhos dos não-confirmistas. Era um encargo injustissimo e por isso o *bill* foi rejeitado pelos Communs. Runciman apresenta depois, em 1908, uma outra proposta sem valor. Ultimamente as tentativas mais notaveis são sem duvida as de Mackenna, em 1911, e a de Croydon-Marcks. As primeiras visam as escolas normaes confessionaes, Estas visam apenas das bolsas de estudo concedidas officialmente a certos candidatos que d'isso se tornaram merecedores nos exames d'admissão, por meio de concurso, podendo os seus administradores recusar a entrada de candidatos que não fossem da sua religião. O ministro suprime os concursos

e os candidatos são admittidos por ordem de inscripção. D'esta maneira, n'uma escola normal catholica, pode um alumno catholico sêr preterido em favor de um anglicano só porque este se inscreveu algumas horas mais cedo. A' primeira infracção da lei a escola perde cêrca de cem libras esterlinas, á segunda será riscada o numero das «reconhecidas», titulo pelo qual ella pode passar os diplomas de aptidão requeridos para o ensino publico. E' a guerra ao professorado livre.

A proposta de Croydon Marks visa as localidades onde só exista uma escola, como se dá geralmente nos campos. O projecto diz que, n'este caso, as escolas devem passar para a auctoridade do Conselho do Condado que designará os mestres e regulará o ensino religioso, o qual só pode sêr ministrado ás quartas-feiras e domingos, e durante duas horas por semana. Os votos dos nacionalistas irlandezes, cujas atenções estavam absorvidas pelo *Home Rule*, salvaram o projecto na Camara dos Commons em 1912. Todavia pouco pode prejudicar as escolas catholicas, dirigido como é contra as anglicanas, e aquellas poderão evitar por certo a sua applicação.

Concluamos :

A organização escolar ingleza pode definir-se *o systema da liberdade subsidiada, com simples fiscalisação do Estado*.

Retomando uma celebre afirmação do Cardeal Manning, Mgr. Bourne dizia em 1904:

«Se o Estado tem o direito de taxar a nação inteira para occorrer ás necessidades do ensino, toda a nação tem tambem o direito de aproveitar com semelhante imposto. Um imposto escolar, sobre todo um povo, deve voltar para esse povo, sob uma forma tal que a cada um caiba a sua parte¹». E em julho do anno seguinte continuava o seu pensamento :

¹ Discurso do Congresso Catholico de Birmingham em 26 de setembro de 1904.

« Nós reclamamos duas coisas essenciaes e não as abandonaremos por motivo algum: primeiro, precisamos de professores catholicos nas nossas escolas; segundo, é preciso que não nos arrebatam ou alterem nenhum dos direitos que a lei actual nos reconhece em materia de ensino religioso ¹ ».

Estas palavras são a conclusão ultima de tudo o que dissémos. A disciplina, a firmeza e a intelligencia dos catholicos inglezes tem sido admiraveis. O futuro reserva-lhes o triumpho. Assim o predisse Athelstane Riley, anglicano estimado e respeitado: « Onde nós estamos dispostos a ceder, os catholicos reivindicam energicamente os seus direitos... A Igreja catholica, n'este paiz ficará firme como uma rocha, enquanto a Igreja da Inglaterra pactuar com o erro. Ha-de ter a sua recompensa: *teremos de entender-nos com ella*. Continuará a ensinar a seus filhos a fé christã, quando nós formos já submersos pelas ondas da neutralidade ² ».

FRANCISCO VELLOSO.

¹ Discurso pronunciado na Sagração do bispo de Newcastle.

² Discurso no Congresso da *Church of England Union*, em Bristol, em outubro de 1903.

Cumprindo o dever



Após tres annos de doloroso exilio, vem de regressar á sua querida diocese do Porto, Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. D. Antonio Barroso.

Esta revista, no que é, muito deve ao seu avisado e paternal conselho. Dos labios do Sr. D. Antonio, sempre nos teem vindo as palavras de conforto e de incitamento que nos pagam bem das mortificações e desgostos d'uma lucta em que pômos o melhor vigor do espirito e do cora-

ção. Bem ou mal, mas sincera e criteriosamente, hemos cumprido o programma que nos propuzémos, e não haverá por certo quem, a esta obra difficilima de orientação intellectual e de estudo, possa dar maior dedicação, levada até ao sacrificio ás vezes, e maior ardor do que os nossos!

Se assim é, porém, muito cabe ao Bispo do Porto. A **Luzitania**, inscrevendo o nome illustre de Sua Ex.^a na galeria dos seus collaboradores, nomeou ao mesmo tempo um amigo, cheio da purissima e captivante bondade que o tornou n'um Bispo amado pelos fieis e respeitado pelos contrarios. Por isso o coração abnegado do Porto sentia muito a falta do seu optimo Pastor, como aquelles que, n'esta hora incertissima, se vão lançar ao combate pela causa de Deus, sem mais cuidar do que da reconquista da liberdade, do afervoramento da piedade e do estudo, sentiam em muito a falta do seu legitimo chefe.

Eil-o que volta para alegria da caridade, e bom animo dos soldados!

Traz do exilio mais brancos os cabellos, e sente-se que não foi de balde que o latego violento da perseguição odiosissima silvou no ar sobre a sua cabeça altiva de Bispo portuguez!

Ha todavia na sua face o mesmo sorriso afavel e bom que attrahe os corações e na luz dos seus olhos, vibra ainda a scintilha fina do brilhantissimo espirito que o tom firme da voz tambem revela...

Sua Excellencia Reverendissima o Senhor D. Antonio Barrozo, Bispo do Porto, regressou á sua diocese.

A **Luzitania** curva-se reverente deante de tão venerando Prelado, reiterando-lhe os protestos da sua nunca desmentida fidelidade.

A REDACÇÃO.

FEMINISMO

SEGUNDA PARTE

Sendo o excesso de mulheres a principal causa do feminismo, comprehende-se immediatamente a razão porque o feminismo não existe nos povos que abraçam a religião de Mahomet. N'um povo cuja religião permite a polygamia, a luxúria do homem só poderá ser limitada pelo conteúdo da sua bolsa. A mulher não passará d'um instrumento de prazer que cada qual multiplicará conforme as suas posses. N'estas condições a « lei da oferta e da procura » será uma admiravel reguladora do equilibrio social. O feminismo não poderá, em geral, existir.

Todo o excesso provocará uma baixa que aumentará a procura. Eis a razão porque o feminismo não existe na Turquia.

Nas sociedades não christãs em que a polygamia não existia, o correctivo natural era a prostituição que não tinha, nem poderia ter, o character aviltante e dissolvente que tem nas sociedades christãs. Assim se passaram as coisas, por exemplo, na Grecia e em Roma.

Na Grecia, por exemplo, as hetairas formavam uma classe que exercia uma acção muito importante na vida publica. A vida da hetaira era ser mais feliz do que a vida da mulher casada.

Emquanto que esta ultima não transpunha o limiar da sua porta, a hetaira apparecia em toda a parte: no theatro, no tribunal, nos exercicios guerreiros, nos jogos desportivos. A opinião era formada por ellas.

A consagração dos artistas e até dos philosophos era por ellas feita.

Muitas eram possuidoras de grandes riquezas e talento. Phryné era possuidora de tal fortuna que se pres-

tava a reconstruir, á sua custa, a cidade de Thebas com a condição de que uma lapide fosse gravada em que se contasse á posteridade que a cidade de Thebas destruida por Alexandre o Grande, fôra reedificada por Phryné.

Após a sua morte, os seus compatriotas mandaram construir, em sua honra, uma estatua d'oiro que foi collocada entre as estatuas de dois reis no templo de Diana, em Epheso. Isto basta para mostrar a importancia que, no periodo mais brilhante da civilização grega, tiveram as heitairas.

Nas sociedades christãs, onde a religião obrigava a costumes mais severos, o problema tinha de ser resolvido d'outro modo.

Só a santificação da castidade lhe podia dar uma solução satisfatoria. Para a completar, havia a familia e o convento.

Na familia, a mulher solteira encontrava o apoio moral e material preciso para poder passar uma existencia feliz.

A sua affectuosidade nativa encontrava no lar um vasto campo para se expandir.

No convento que não passava de uma familia mais vasta, egualmente a mulher encontrava sufficiente apoio moral e material. O amor de Deus e a vida conventual era campo demasiado vasto para consumir todo o seu affecto e toda a sua energia.

Por isso o feminismo 'se não manifestou durante muitos seculos de vida christã.

*
* * *

Com o andar dos tempos, porém, as coisas foram-se modificando.

A evolução demasiado rapida dos meios de producção não pode ser acompanhada pela evolução sempre muito lenta dos costumes.

D'ahi um desequilibrio que produziu a morte de muitos orgãos da sociedade antiga, mas que, infelizmente,

não eliminou também a função que esses órgãos desempenhavam.

A família foi um d'elles.

Com a morte da família desapareceu o primeiro apoio forte da mulher.

Uma philosophia tola, proveniente da desorientação que a falta de adaptação da sociedade ás nossas condições de vida, lançou no espirito publico, tornou possível o encerramento dos conventos.

Encerrados elles, a mulher ficava por completo desamparada.

E como as leis sociaes são inflexíveis, a prostituição surgiu, como nas civilisações antigas, como natural correctivo do excesso de mulheres.

Infelizmente, porém, a prostituição não resolve, hoje o problema. Pelo contrario, agrava-o.

O acesso da mulher a todas as profissões compatíveis com a sua fraqueza physica, (e na sociedade essas profissões são a grande maioria), resolve metade do problema: a parte material.

A outra parte, a parte que diz respeito ao sentimento, ficou ainda por resolver.

E essa parte que é a mais importante debaixo do ponto de vista moral e, portanto, debaixo do ponto de vista social, não poderá ser resolvida pela politica.

Só a religião a poderá resolver.

(Conclusão).

PACHECO D'AMORIM

Professor na Universidade de Coimbra.

FREDERICO MISTRAL

N'um dos ultimos dias do mez de março, sob o céu luminoso da Provença, morreu Frederico Mistral.

Estas notas não pretendem fóros de critica nem sequer as honras d'uma biographia. Escriptas ao correr das primeiras impressões e leituras, sob o influxo da *Myreia*, lida por mais de uma vez e sempre com o mesmo enlêvo, a mesma admiração, o mesmo estonteamento de raro perfume, — são apenas ligeiros esboços d'um perfil, torsos d'uma estatua, retalhos d'uma recordação; n'isto vae, implicitamente, o seu titulo á benevolente attenção dos leitores...

A critica da obra do genial poeta, não a podem fazer, com sciencia e consciencia, senão aquelles que foram seus discipulos e junto d'elle sentiram a salutar influencia da sua grande alma; a biographia de Mistral, escreveu-a elle mesmo, sabedor, como era, de quanto o conhecimento da hereditariedade e da primeira educação de um homem projecta luz sobre a obra que levantou na terra.

Mistral nasceu em Maillane, em 1830, no dia de Nossa Senhora de Setembro.

Seu pae, Francisco Mistral era bem « um homem do velho tempo »; pertencia á aristocracia da terra, que então reflectia muito a constituição das sociedades antigas, cujos usos patriarchaes se obliteraram com o transcórre dos seculos. Ao lermos as evocações do poeta, vêmol'o abençoando as messes n'um largo gesto sacerdotal — « que Deus te faça crescer! » — chefe venerado, olhado como Sabio pelos camponezes que escutam na sua voz descobertos e absortos, n'um mixto de sonho e de respeito, a voz da terra provençal.

A historia do seu casamento «relembra a antiga scena de Ruth e de Booz»: — «Um anno, pelo S. João, mestre Francisco Mistral era no meio dos seus trigos que um grupo de ceifeiros ia destroçando. Um enxame de camponezas seguiam atraz e apanhavam as espigas que escapavam ao ancinho. Mestre Francisco, meu pae, notou uma bella rapariga que ficava para traz, como se tivesse vergonha de respigar como as outras. E avançou para ella e disse-lhe:

— Menina, de quem és tu? Qual é o teu nome?

E a rapariga respondeu:

— Sou a filha de Estevão Poulinet, o *maire* de Maillane. O meu nome é Adelaide.

— Como?! disse meu pae, a filha de Poulinet, que é *maire* de Maillane, anda a apanhar espigas!

— Senhor, replicou ella, somos uma familia numerosa, seis raparigas e seis rapazes, e nosso pae, ainda que tenha bastantes bens, como sabe, quando lhe pedimos com que nos ataviêmos, responde-nos: «Minhas filhinhas, se quizerdes enfeites, ganhae para elles!» E aqui está porque eu vim trabalhar...

Seis mezes depois d'este encontro, o bom mestre Francisco pedia Adelaide a mestre Poulinet, e eu nasci d'este casamento »¹.

A lembrança de seus paes aviva-se em patheticas estrophes, dissemina-se por toda a obra de Mistral. E era ainda sob o poder d'esta recordação que elle máis tarde, na *Myreia* (canto 1) lhe enviava a sua doce saúdação:

Comme au mas, comme au temps de mon père, hélas! hélas!

Seus primeiros dias passou-os «no *Mas*, em companhia de lavradores, de ceifeiros e de pastores que desdobravam diante de seus olhos os magestosos quadros da vida rustica e trabalhavam sempre com nobres gestos».

¹ Seguimos as *Memoires et recits de Frédéric Mistral*, Paris, Plon, 1906.

Percorrendo a sua provincia, cantando como os seus compatriotas as velhas trovas, respirando aquelle ar, delectando os seus bellos olhos com o verdejar dos campos e o panorama dos *Alpilles*, esfumados nas névoas matinaes, que ao sul limitam a larga e rica planície, — que muito que a Provença estivesse modelando nas hesitantes e indefenidas aspirações da sua mocidade, a alma d'um verdadeiro provençal curiosa da sua terra nativa? Dir-se-hia que nos seus caprichos de creança, nas suas miragens tonalisadas de melancolia, nos seus sonhos cheios de simplicidade, transpareciam já as vocações do poeta.

Não podemos resistir á tentação de reproduzir uma deliciosa aventura que elle tão bellamente contou.

« Por detraz do *Mas* onde nasci... havia ao longo do caminho, um fosso que levava a sua agua á nossa velha nora... Por uma bella tarde da estação das brisas — ainda eu usava calções — depois de ter dado mil voltas sobre a palha fresca, como fazem as creanças, encaminhei-me sósinho para o fosso da nora... Havia dias que as lindas flores de *glais* começavam de abrir, e as minhas mãos morriam por irem colher alguns dos seus botões de oiro. Chego ao fosso e desço até á borda da agua; envio a mão a agarrar as flores.

... Mas como ellas estavam muito afastadas, curvo-me, estendo-me e catrapuz, lá para dentro, caio na agua até ao pescoço. Grito. Minha mãe accode; tira-me da agua, dá-me algumas palmadas, e deante d'ella, molhado como um pato novo, obriga-me a correr para o *Mas*.

— Que eu te torne a vêr no fosso, meu mandrião!

— Ia colher flôres.

— Pois vae, anda, vae colher as tuas flores... Não sabes que ha uma serpente escondida nas hervas, uma grande serpente que come os passaros e os meninos, não, meu madraço?

E ella despiu-me, tirou-me os sapatinhos, os calções, a camisa, e para poder seccar o meu vestido molhado calçou-me uns sócos e vestiu-me a roupa domingueira, dizendo:

— Ao menos toma cuidado em não te sujares.

Trez vezes o incorrigivel amante de flôres recomeça a mesma brincadeira. Toda a gente do logar accorre:

— Foi este diacho de pequeno que cahiu no fosso. Deixa estar que d'esta vez, endiabrado garoto, tua mãe açoita-te a valer!

Mas não! pelo caminho, vi-a chegar, coitadinha, cheia de lagrimas, a dizer:

— Ó meu Deus! nem lhe quero bater com medo de algum « accidente ». Mas este rapaz, Santissima Virgem, não é como os outros!...

Muito feliz sou eu, ainda, meu Deus! dou graças por elle não se ter afogado!

Uma vez em casa, depois de me ter despido, a santa mulher limpou-me, nu, com o seu avental; e, com receio de uma febre, fez-me beber uma colherada de vermifugo e deitou-me no berço, onde, cansado de chorar, ao fim de pouco tempo, adormeci.»

Quando accordou, sabeis o que viu o pequeno Mistral?

«Um grande punhado de flôres, côr de oiro que alojavam a minha pequena cama. Elle mesmo, o patriarcha, o senhor meu pae, fôra colher as flôres que eu tanto invejára; e a linda senhora minha mãe, collocára-as sobre o meu leito!...»

Assim crescia Frederico Mistral, rodeado de tudo aquillo que podia crear na sua alma e no seu espirito a atmospheria propicia aos futuros poemas em que glorificaria e immortalisaria e depuraria a sua raça no culto augusto da terra. Ali tambem elle hauriu, mais do que a tradiçãõ, o residuo intimo da sua crença religiosa cujas profundas raizes jámais seriam arrancadas¹. E como não ser assim, se no proprio lar paterno havia aquella paz que caracteriza os melhores lares christãos, ainda mais realçada pelos costumes pastoraes das tradições provincianas?

¹ O *Eclair* de Montpellier publicou a carta que Mistral dirigiu a Sua Santidade. O poeta fôra convidado a consagrar com a sua presença uma festa do liberalismo anti-clerical italiano e recusára o convite. Pio x commovido com a fidelidade de tão illustre filho, enviou-lhe com uma carta uma piedosa lembrança. Foi a uma e outra que Mistral respondeu na missiva seguinte que elle recommendou fôsse publicada apoz a sua morte:

Santissimo Padre.

Infinitamente me tocou o testemunho da paternal sympathia que Vossa Santidade houve por bem conceder-me. A Vossa benção apostolica ha-de trazer-me felicidade e ha-de ajudar-me, filho e crente da Egreja catholica, apostolica, romana, a morrer na fé do meu baptismo e de meus paes. A solemne carta que me dirigisteis por intermedio de S. Em. o Cardeal Merry del Val, a esplendida medalha com o retrato de

«Meu pae, devo dizê-lo, possuía uma fé robusta e solida. A' tarde, tanto no verão como no inverno, recitava em alta voz a oração familiar, e depois, quando os serões se tornavam longos, lia o Evangelho aos seus filhos e aos seus creados. Fiel aos velhos usos, celebrava com pompa a festa do Natal, e ao abençoar piedosamente a acha de lenha da lareira, fallava de nossos avós, louvava as suas acções e rezava por elles. Era sempre contente, e se por vezes ouvia alguém a lastimar-se, quer dos ventos tempestuosos quer das chuvas torrenciães, dizia-lhe :

— Aquelle que está lá em cima sabe muito bem o que faz e o que nos é preciso !

E morreu como um patriarcha. •

Morto seu pae, Mistral toma a direcção da casa, consagra-se á terra em que nasceu e entra inteiramente na vida dos campos. Quando olhamos o seu retrato, a sua estatura, direito e sadio, quer na téla de J. P. Laurens ou na *pointe seche* de Hebert, quer nas suas ultimas photographias, nós temos a impressão de que aquelle lavrador teria sido um rei na velha Grecia.

A *Myreia* surge como um natural e logico fructo da sua vida na ampla liberdade da natureza, e os annos que verrugam a sua fronte larga e serena como o céu que elle cantou, são outros tantos degráus da ascenção do seu espirito para uma creação original. Não entra n'elle o requintado gosto dos bucolismos enfatuados dos quadros de Poussin, nem o entenebréce nem ensombra uma erudição que procurasse o ineditismo em episodios delicados. N'uma intelligencia continuamente trabalhada pelo movimento da vida quotidiana, a realidade, feita de coincidencias e de recordações, bem depressa desbotoam em litteratura. *Myreia*, como diz um critico, será o fructo amadurecido a um sol

Vossa Santidade, bem como o outro retrato acompanhado de um texto autographo que me veem do Vaticano, são a mais alta recompensa da minha obra litteraria e dos esforços de toda a minha vida pela conservação das tradições da minha Provença e da sua lingua popular. Profundamente commovido, inclino-me humildemente deante do Soberano Pontifice que se dignou abençoar o seu muito reconhecido e muito dedicado — *Frederico Mistral*.

Esta carta póde considerar-se como o testamento religioso do grande poeta.

luminosissimo e vivificador. O proprio Mistral a comparou ao rebento odorante que se eleva acima das arvores e que a mão insaciavel do homem não logra tocar...

Aos nove ou dez annos mandam-n'o á escola. Por cabulice faltava a quantas aulas podia; mais tarde elle explicava esta sua indisciplina escolar: — «No que respeita ao meu desenvolvimento intimo e natural, á educação e tempera da minha alma de joven poeta, aprendi mais, com certeza, nos saltos e cabriolas da minha infancia, do que na estopada de todos os rudimentos.»

Em vista d'isto, encerram-n'o n'um pensionato de Avinhão. Para a formação da sua intelligencia e tambem para a eclosão vibrante do seu amor pela terra da Provença, com os seus costumes, a sua lingua, as suas tradições. — esta sua estada em Avinhão teve capital importancia. O vêr-se «mais estreitamente preso do que as ovelhas nos redés de seu pae», e troçado por fallar a lingua de sua mãe, aguçam no moço artista um singular desejo de vingar aquillo que formava e elle sentia sêr a belleza da sua Provença. Por outro lado, Virgilio e Homero mostram-lhe uma nova interpretação da natureza e da vida que responde á grande aspiração da sua alma. E' porventura a esta interpretação reveladora que, de par com a influencia do meio em que nasceu e viveu, se deve a magestade e o encanto intraduzivel dos seus versos, e asseguram a sua vivaz recordação n'alma do povo emquanto o vento que tem o seu nome bafejar os campos viridentes, beijar as espaldas dos Alpes ou encrespar as aguas do Rodano. Excetuando duas produções suas, uma peça escripta aos dezoito annos, *Margaï*, e o poema *Fim do Ceifeiro* — obras d'um lamartiniano de grande talento — é um facto a impressão que a litteratura e as obras primas de antiguidade vincáram nos dominios do seu pensamento.

Foi em Avinhão que a ideia da Renascença provençal appareceu pela primeira vez, embora sob a forma de simples aneão, na sua mente.

«Era em 1845. No pensionato onde eu estava, chegou um professor de fina barba negra, que era de Saint-Remy. Chamavam-lhe José Roumanille.

Nos domingos levavam-nos á missa e ás vespers á igreja dos Carmelitas. Uma vez entrados juntavam-nos atraz do altar mór, nas cadeiras do côro e as nossas vozes muito novas acompanhavam os canticos liturgicos. Ora, um domingo, enquanto se cantavam as vespers, veiu-me á ideia traduzir em versos provençaes os psalmos da penitencia. E então, á surrelfa, no meu livro entreaberto, escrevi pouco a pouco com o resto d'um lapis as quadras da minha versão. Mas Roumanille, sempre vigilante, veiu por detraz de mim e tirou-me o papel em que estava escrevendo...

Acabadas as vespers, como fossemos passeando á volta dos bastiões de Avinhão, elle interrogou-me nos seguintes termos:

— Com que então, meu pequeno Mistral, tu divertestes-te a fazer versos provençaes?

— Sim, algumas vezes, respondi-lhe.

— Quêres tu que te diga alguns? Ora escuta.

E Roumanille recitou-me as suas poesias provençaes: *os dois cordeiros*, o *pequeno José*, depois *Paulon*, o *pobre*, *Magdalena* e *Luizinha*, uma verdadeiro éclosão de flores d'abril, flores dos prados, flores annunciadoras da primavera *felibreana* que muito me encantaram, e exclamei para mim mesmo:

— E's a aurora que a minha alma esperava para despertar para a luz!

Beatus ille qui, procul negotiis...

Paterna rura bobus exercet suis!

aconselhava Horacio. Em 1847, Mistral terminava os seus estudos em Avinhão; seu pae envia-o a Aix-en-Provence estudar direito, como se adivinhasse qua a outros designios era votado seu filho. Frederico porém, sobraçando os diplomas, antes de seguir a magistratura vem a Maillane, e ali o sol que é tão bello, o ar que passa tão cheio de perfumes desfazem tudo o que elle aprendêra de artificial, apagam os caminhos que elle percorrêra e chamam-n'ò mais para as emoções puras e naturaes que a terramãe suscita, do que para os triumphos da toga.

E' em Maillane que elle fixa a sua residencia.

A' alma do seu paiz pede a inspiração dos seus versos provençaes:

Amo de moun pais

T'apelè! Encarno-te dins mi vers prouvençau!

E tocada pela fidelidade do seu filho, a terra natal entregou-se-lhe nos braços. Mistral, como disse um seu discipulo e amigo, subia agora ao adro da sua igreja

para abranger n'um olhar toda a Provença! Ia levantar a obra da sua consagração.

*

Nas *ilhas de oiro*, Frederico Mistral evocava uma condessa de sangue imperial, tanto em nobreza como em formosura, cujo olhar era ensombrado por um véu de tristeza.

N'esta imagem, reproduzia elle a situação a que chegára a Provença.

Depois das guerras religiosas, a poesia romana do sul entrincheirára-se n'esta provincia cuja orthodoxia a preservava da invasão estrangeira. O provençal, herdeiro das tradições latinas, tem magnificos triumphos, manifestados, durante os dois seculos e meio da existencia das duas casas d'Anjou, em obras de extraordinario brilho que oppõem á inercia do Norte, um meio-dia impregnado de sciencia, de arte, e de poesia. Instruindo a Italia, a Hespanha e os trovadores, o provençal quasi absorve o movimento intellectual da Europa.

Desde o seculo xiv, porém, que as poesias trovadorescas começam de diminuir em belleza e dentro em pouco, a Provença apenas pode conservar a sua physionomia destacada e singular, devido á persistente manutenção dos seus privilegios politicos. A Revolução franceza, porém, dá-lhes o golpe de misericordia.

Em 1794, a Convenção decreta « a unidade de idioma como parte integrante da Revolução » e dirige aos francezes um appello, para que « uma santa emulação destrua as girias e ingrezias, ultimos farrapos do feudalismo e monumentos da escravidão ». Embora uma lingua se não crie d'um dia para o outro, certo é que esta medida revolucionaria imposta aggressivamente, teve como effeito a paralysação da producção litteraria. A muito custo conseguem os fleis á tradição provençal recuperar uma pequena parte do prestigio antigo ¹. Tirando Jamin, homem

¹ Em 1803, Fabre d'Olivet teve de valer-se d'uma fraude para publicar em Paris as suas poesias provençaes. Apresentou-as como uma

de superior talento, não apparece um mestre, digno d'este nome. E não havendo mestres, não houve escolas.

Conservára-se porém, na alma popular um residuo tradicional da velha gloria que a corrupção dos estranhos não conseguira affectar. A ella se dirigiu Mistral para arrastar a massa dos espiritos a uma renascença alevantada e geral.

Ah! se me quizessem seguir!

Ah! se me quizessem ouvir!

Lança pois, o grito de guerra e desde logo se affirma como um chefe. Roumanille aproxima-se d'elle e da junção d'estes dois genios resaltou a chamma purificadora.

A primeira reforma era a da orthographia, acompanhada de uma escolha e aperfeiçoamento de vocabulos. Sem se importarem com as diatribes dos relapsos os dois amigos mettem-se á obra que, de Paris, Saint-Beuve vae seguindo com insistente e benevola curiosidade. Roumaniell escreve as *Pâquerettes* e as *Creches*, e Mistral, as suas primeiras peças.

Convinha agora reunir adeptos e formar um partido. O apparecimento de Anselmo Mathieu iniciou o movimento. Outros chegaram, como Aubanel, Crousillat de Salon e Giéra, para só fallar dos principaes.

Em 1852 reune-se em Arles o primeiro congresso e n'esse mesmo anno, como a primeira flôr da primavera do provençalismo renascente, apparece uma Antologia que Saint-René Taillandier apresentou ao publico. Já havia um leve rumor na multidão e nos olhares de Mistral e Roumanille crepitava a scentelha da boa esperanza. Segue-se o Congresso de Aix-en-Provence—uma nova victoria cheia de bons auspicios.

Comtudo, a reunião memoravel e verdadeiramente definitiva é a realisada em Font-Ségugne em 21 de maio de 1854.

« occitana » do seculo XIII. Os eruditos encheram-se de curiosidade e lêram-n'a.

« Eramos um grupo de jovens, estreitamente unidos, e que nos accordavamos o melhor possível n'esta obra de renascença provençal. Punhamos n'ella todo o nosso coração. Quasi todos os domingos, ora em Avinhão ora nas planicies de Maillane ou nos jardins de Saint-Remy, ora nas alturas de Châteauneuf-de-Cadagne ou de Châteauneuf-du-Pape, nos reuniamos para intimas conversas, divertimentos de moços, banquetes de Provença, mais exquisitos de poesias do que de iguarias, mais ebrios de enthusiasmo e fervor do que de vinho.

« Mas o logar bemaventurado, o logar predestinado era Font-Ségugne, aprazível casa de campo, perto da aldeia de Gadagne...

« Fôra escripto no céu que n'um domingo florido, a 21 de maio de 1854, em plena primavera, sete poetas se deveriam encontrar no Castello de Font-Ségugne ».

Estes sete poetas que a mesma ideia prendia, lançam as bases do movimento e da sua acção de renovadores. Reconhecem que não basta cantar, com uma arte sublime, comprehendida apenas por escassa minoria. E' preciso *ir ao povo*, ao encontro das energias vivazes e dos instinctos da raça. O fim era levantar o paiz, infundindo-lhe ideias na sua propria lingua, e para isso era preciso começar por enthusiasmar e refazer a sua propria alma. Para educar o povo fundam os sete poetas um almanaque, o *Armana provençau*, colmeia aonde vieram trabalhar todas as abelhas meridionaes. « Toda a tradição, todo o espirito da nossa raça, se encontram lá condensados », disse Mistral. Escolhem para sua padroeira a d'aquelle dia, Santa Estella, e uma antiga oração que Mistral ouvira recitar a uma velhinha da sua aldeia fornece o nome que distinguirá os novos poetas: *Félibres*. E depois, cada qual parte para a grande batalha, Mistral á frente, a recordar ao povo a historia da sua terra e a religião de seus paes, « purificando os costumes, elevando o ideal, consolidando a patria ».

Mistral inicia a sua carreira triumphal. *Myreia* foi a primeira floração do seu genio, que dedicou a seu irmão mais velho, Lamartine, ao qual foi apresentado por Adolpho Dumas, um convertido ao *Félibrige*, n'uma das suas raras estadas em Paris. E Lamartine respondeu-lhe, apresentando por seu turno á França, no seu *XL Entretien*, o moço poeta provençal.

« Vou anunciar-vos hoje uma boa nova! Um grande poeta épico nasceu... Ha uma virtude no Sol! Um verdadeiro poeta homérico n'este tempo; um poeta nascido, como os homens de Deucalião, de um rochedo da *Crau*; um poeta primitivo na nossa elade de decadencia; um poeta grego em Avinhão; um poeta que cria de um idioma uma lingua, como Petrarca creou o italiano; um poeta que de um *patois* vulgar faz uma linguagem classica de imagens e de harmonia, encantando a imaginação e o ouvido. E' um milagre? Pois bem! este milagre está na minha mão, já está na minha memoria, e bem depressa estará nos labios de toda a Provença ».

« E de facto foi a *Myreia* que lançou a causa provençal inteira, diz José Aurouze ¹, no seu exquisto frescor e simples verdade. Lingua, paysagem, religião, costumes, lendas, tudo lá está descrito deliciosamente, sem outro sentimento do que o da ave que canta para cantar, da creança que falla para redizer o que ella vê ». O Vidente adivinhára a grandiosa força e a esplendida magestade da sua raça!

Mas o seu trabalho continúa. Lamartine disséra-lhe : « reentra em casa de tua mãe, junge os teus toiros brancos... não se fazem duas obras primas na vida; tu fizestes uma », e Mistral ia provar-lhe o contrario, e de quanto era capaz o seu genio bafejado pelo amor da sua Provença. Aos corações simples e amantes endereçára a ingénua paixão de *Myreia*, ao punhado varonil dos homens d'acção e de fé envia-lhe o grito forte d'uma raça que se levanta, *Calendau*. « O heroe, diz Victor Poucel, n'um admiravel estudo sobre Mistral, desguarneceu uma individualidade muito estreita; é o Provençal consciente, cujas aventuras resumem, n'um audacioso escorço, todas as possibilidades da vida provençal. O poema não é uma historia, é um discurso, um programma e, se assim quizerem, uma prophécia, *Calendau* é a obra mais amadurecida e mais voluntaria de Frederico Mistral ². »

Mas não repousa ainda: a estrada é longa. Ainda vem *Nerto* e a *Rèino Tano*, que descrevem ao povo as

¹ *Semaine littéraire*, n.º 118, pag. 320.

² *Études*, tomos 137, 138 e 139.

suas mais fulgentes glorias sob os regimens democraticos do tempo da rainha Joanna que elle adorou como a um idolo, glorias em que o catholicismo teve tão larga intervenção; vem as *Iscla d'Or*, vem *Lou Rone*, vem sobretudo esse maravilhoso *Tresor dou Filibrige*, compendio colossal das riquezas da lingua, que Littré invejaria para si. Elle abre o *Museon Arlaten* e organisa *li Festo Vierginesco*, procurando chamar o povo á resurreição dos seus costumes; nos ultimos dias da vida, encadeia, ata n'um ramo os seus *Discours e dicho* n'um volume incomparavel de *Memorias*, aqui já citado, e vem por fim depor no altar de Deus as *Olivades!*

*
*
*

E' difficil fallar dos grandes homens. Estas notas não são mais do que um levissimo esboço do perfil de Mistral.

Elle foi o espelho fiel da Provença, da sua natureza, da sua alma, do seu clima. E' o chefe nato de um povo. Vibrantemente patriota, embora nada politico¹, intensa-

¹ A titulo de curiosidade transcrevemos de Victor Poucel esta narrativa dos unicos actos politicos de Mistral:

... «N'esta vida recta e refreada, o jovem Mistral passava a sua facil natureza, quando um dia sobreveio uma crise que esteve para desviar'o do seu caminho. A revolução de 1848 incendiara Maillane. O povo dividiu-se entre conservadores e republicanos, e chegou a haver recontos. Frederico, em que fermentavam ideias de renovação, lançou-se no partido que mais barulho fazia. Lá estavam os seus melhores camaradas e sobre as proclamações do novo regime, elle lia assignaturas que o seduziam; figurava n'ellas Lamartine e com elle outros personagens que, como Berryer, Laménais Lacordaire, pertenciam á Assembleia nacional. Uma tarde, a buliçosa juventude sae da taberna, percorre a aldeia dançando a *Carmaglone* e fazendo grande barulho. No dia seguinte, ao levantar-se, era convidado a comparecer deante do senhor seu pae... Uma boa reprehensão seguido de paternaes conselhos acabou de fazer cahir a embriaguez politica. E tudo se acabou.»

Os gregos, na ultima guerra entoaram o hymno, depois publicado nas *Olivades*, que elle escreveu durante as campanhas da liberdade e da independencia hellenicis, em 1897.

mente religioso, catholico praticante, Mistral foi amado pela França e honrou-se com a amizade do Vigario de Christo. O ideal do Amor, para os *felibres* foi concretizado na Virgem. Leiam-se aquelles versos dos Santos, na *Myreia*, extraordinario e empolgante hymno á Cruz e ao divino Redemptor, e comprehender-se-ha o valor d'aquellas significativas palavras que elle fez gravar sobre o seu tumulo e mereciam sêr a corôa da sua vida :

Non nobis, Domine, non nobis
Sed nomini tuo
Et Provinciae tuae
Da gloriam.

A França perdeu em Mistral um dos seus defensores mais estrenuos, mas a Igreja perdeu um dos seus filhos mais fervorosos e illustres, e as orações dos christãos subirão para Deus pelo poeta christão.

Elle foi o typo ideal, na sua face serena, no seu olhar leal, nobre e simples ao mesmo tempo. Caminhou para a gloria com a mesma calma com que pizou os caminhos da sua aldeia. Era a serenidade alliada a uma fina ironia provençal.— «Que pena, dizia elle um dia a Theophilo Gautier, que andeis a fallar *um dialecto que ninguem entende!*»

Paris não o atrahia. Em Paris, as escadas são de vidro, avisára-o o velho amigo Reboul. Rejeitou a sua admissão á academia. Queria sêr — e foi — o poeta da Provença.

«São dois os que na Provença teem o nome de Mistral, escrevera Barbey d'Aureilly, Frederico e o vento, e ambos com Avinhão por capital. Um é adorado e maldicto ao mesmo tempo; o outro é o idolo sem rival que toda a gente ama e a ninguem amedronta».

Admirado por toda a Europa, elle foi tambem um dos grandes propulsores do movimento poetico-regionalista da Catalunha, dirigido por Balaguer.

.. Seu pae morrêra como um patriarcha. Assim que-
ria morrer Frederico Mistral ¹.

« Nunca adivinharia porque outro dia fui expressamente a Avinhão, dizia elle a Aurouze. Vou dizer-lh'o e estou certo de que lhe darêi com isto mais prazer do que se lhe tornasse a contar a tão desejavel morte de meu bom Roumanille. Vi que no meu quarto faltava alguma coisa. Quando o padre vem ajudar os enfermos a morrer, estende-se por sobre a commoda uma branca toalha, colloca-se em cima um ramo bento de oliveira, e depois, entre dois cirios, uma pequena cruz sobre um pedestal.

Faltava-me o crucifixo. Já o tenho. E estou contente. »

E' que elle sabia que a logica da sua vida reclamava para condigno remate, uma morte de verdadeiro Provençal.

E a 27 de março, uma quarta-feira, dia d'Annunciação de Nossa Senhora, pelo entardecer, Mistral que no domingo cahira de cama com um ataque de grippe, sentiu-se peor, e o coração diminuia de pulsações. Chamaram á pressa o cura de Maillane que lhe ministrou a Extrema-Unção. Pela 1 hora da noite, o poeta abriu muito os olhos, fitou o « bom Deus » sobre a commoda, entre dois cirios, depois elevou-os ao céu e murmurou mysteriosamente: *Li Santo! Li Santo! As Santas! As Santas!*

Aquelle olhar cheio do sol da sua terra natal, contemplava já a belleza eterna do céu!

N.

¹ Isto posso eu garantir, escreve José Aurouze, e testificar a confidencia que um dia me fez e que não fui o unico a ouvir embora seja o primeiro a referil'a.

NA BRECHA: — A “QUESTÃO RELIGIOSA”

DE

BAZILIO TELLES¹

Ex.^{no} Senhor Bispo, meus Senhores, minhas Senhoras.

Os niero-sabios conhecidos pelo nome pomposo de « intellectuaes », que existem no paiz, aqui e além, e se jactam de têr podido incluir a Religião na cathogoria das frivolidades, são netos legitimos do século XVIII.

Os ventres revoltos de Voltaire e de Rousseau, de d'Alembert e de Diderot, atiráram á farta, para o turbilhão das ideas, sêres rachiticos, mordidos de phobia; e as leis naturaes não se desmentiram, quando os filhos d'estes filhos esgadanháram e esgarçaram, posto que, ás vezes, de unhas mais artisticas, de traje confeccionado pelos figurinos do dia.

Gerados sob as arcadas da Encyclopedia, os nossos intellectuaes remexeram ainda de cueiros, o atafalhado arsenal de seus avós, extasiaram-se ante o coruscar dos arnezes enfeixados, percorreram as imagens dos ascendentes façanhudos, enamoraram-se da mais colérica, e, depois, cabelleira adejante, cada um entrou a esgrimir as armas que julgou de exito infallivel.

As satyras boçaes, os ultrajes sacrilegos do philosopho de Ferney, repetiram-se em todos os harmonicos, não raros bastiões se desfraldaram como homenagem ao adulator de Frederico II, ao carrasco de Joanna d'Arc, ao fanfarrão que Victor Hugo pintou: ... *le serpent, le doute, l'ironie.*²

As imprecações de Diderot amassaram-se, trituraram-se, vasaram-se em novos moldes, e foram servidas com abundancia á ingenuidade nacional. Á semelhança do auctor da *Politique des souverains*, os nossos intellectuaes reputaram a Fé « um principio

¹ Conferencia recitada na Juventude Catholica do Porto, no dia 26 de abril de 1914.

² Victor Hugo — *Les Rayons et les Ombres.*

chimerico », as bases da Religião incompatíveis com a razão. « Provar o Evangelho por um milagre — escreveu Diderot — é provar um absurdo por uma causa contra a natureza ». ¹

A pretensa desarmonia entre a Fé e a Razão, que tantos tropos chammejantes arrancou a d'Alembert, teve, como sequencia logica, a pretensa hostilidade entre a Religião e a Sciencia, tão explorada, rôta, cantada pelo intellectualismo patrio. Não ascende muito alto a mentalidade da escola; sempre os mesmos argumentos, os mesmos sophismas diluidos em injurias, as mesmas affirmações gratuitas e pueris.

Em vão alguns proselytos teem querido cingir a aureola de sabios authenticos; o esbravear da critica desnuda-os, o látego da verdade fustiga-os e desprestigia-os. Bombarda, na *Consciencia e Livre Arbitrio*, julgou ter ferido de morte o espiritualismo, fomentado uma energica corrente de materialismo na intelligencia nacional. Alardeou, phantasiou, compôz elegias sobre as ruinas das velhas fundações, como diria Le Play, mas o talento invulgar do Padre Manoel Sant'Anna, golpeou-lhe a tunica de mestre, deixando entrevêr um sophista, um falsario, um ignorante das mais rudimentares noções philosophicas, das mais nomeadas conquistas da Sciencia. ²

Surgiu ha pouco no mercado, annunciada em grossa parangona, uma obra que, inquestionavelmente, é a synthese mais perfeita do recheio intellectual do « intellectualismo » portuguez, firmada, como está, por uma das suas mais cotadas auctoridades. Alludo á *Questão Religiosa* de Bazilio Telles, dada á estampa com o « intuito de apaziguamento », comportando as bases que regulariam a elaboração d'uma lei de Separação, afinal não menos sectaria que a de 20 de abril. Derradeira palavra em materia de anti-clericalismo patrio, a obra de Bazilio está longe de reproduzir a derradeira palavra em materia de investigações scientificas, muito longe de pintar o estado intellectual e religioso da Europa pelos paineis derradeiros.

Rica, talvez por mimetismo, em asserções balofas, estridentes,

¹ Diderot — *Pensées Philosophiques*.

² Padre Manoel Fernandes Sant'Anna — *O Materialismo em face da Sciencia*; 2 vol.

em perorações funebres, vasia d'um poder comprovativo e convincente, não se ajusta com a independencia e o talento requeridos n'um professor de *Historia das Religiões*. Pois, será licito affirmar, como Bazilio, que a essencia do Catholicismo é fôrma por um « inveterado pessimismo » ? ¹ O pessimismo olha o mundo como não dando abrigo senão á dôr; tudo para elle é aváro, cruel, amassado em lagrimas de tortura, nada o satisfaz, o desaltera, nunca alveja o prazêr e a alegria. No pessimismo o homem nasce para ser infeliz, para arrastar, sem premio nem clareira, o fardo pesadissimo da dôr, para dia a dia se soterrar no barathro da impotencia.

É será isto o que diz o Catholicismo? Acaso a Religião nos cresta as emoções, nos deflagra o entusiasmo, nos hyperesthesia a sensibilidade?

É evidente que a dôr existe e existirá no mundo. A Sciencia poderá, n'um futuro proximo ou longinquo, vencer totalmente a doença como sustenta Dastre, prof. de physiologia na Sorbonna ²; o que a Sciencia nunca conseguirá é a extineção da dôr moral. Esta subsistirá sempre, como uma realidade indestructivel, uma condição de vida. E quem lhe dará explicação? A Sciencia? Não. Ás portas d'este dominio a Sciencia é obrigada a confessar a sua impotencia.

A dôr, como condição de vida, só tem explicação na explicação christã da dôr e da vida. Só a vida considerada como *meio*, e não como *fim*, como meio de chegar a uma vida superior isempta dos espinhos por onde a alma se rasga e chóra, explica a dôr. Só uma vida superior, obtida pela actual, eguala o mais infimo ao mais elevado dos homens, a mais obscura á mais candente das intelligencias.

E uma Religião que assim falla, umã Religião que diz ao homem « nasceste para ser feliz », póde accusar-se d'um « inveterado pessimismo ? »

Ou Bazilio desconhecê o sentido do termo, ou, o que é mais presumivel, quiz enfilear na cohôrte dos que despejam contra a

¹ *Questão Religiosa*, pag. 10.

² *La Science et La Vie*, n.º 7—*Les desharmonies de la nature humaine* par A. Dastre.

Egreja chuveiros de calumnias. O proprio Anatole France escreveu, n'uma hora de justiça: « Quando se repellirem os dogmas da theologia moral, nenhum outro meio nos resta de sabermos porque motivo nos encontramos n'este mundo, e o que viemos aqui fazer. O mysterio do destino envolve-nos inteiramente nos seus poderosos arcanos; e, em verdade, é preciso não pensar em nada para não sentir o tragico absurdo de vivêr... N'um mundo em que toda a illuminação de fé se apagou, o mal e a dôr perdem até a sua significação, e apparecem-nos apenas como gracejos odiosos, ou como farças sinistras » ¹.

O Catholicismo uma Religião pessimista? Mas, então, onde se catalogará o Boudhismo, com o seu anniquilamento, com o Nirvana?

Porventura, as rajadas de esperança que sopram das bandas da Egreja confundem-se com os gritos descrentes de lord Byron e Madame Ackermann, de Leopardi e Richepin, de Schopenhauer, e Hartmann?

Foi a Religião quem preparou o meio favoravel ao desenvolvimento d'essa doença social que é o pessimismo contemporaneo, foi ella quem tarjou de negro as paginas de Tolstoi, e despertou as lagrimas acres de Vigny?

Oh! se o poeta de *La Maison du Berger*, tivesse procurado no carinho d'um altar o refugio para as injustiças dos coevos, nem o seu espirito seria o d'um torturado, nem a sua psychologia a d'um morbido. Voaria mais alto, como um fórte, no azul placido da crença, porque a duvida não lhe teria envenenado a inspiração. E Vigny provou-o, quando, no seu *Journal*, figurou este estado revolto na imagem d'um cysne voando com uma serpente que se lhe enroscára no collo.

Não é, porém, a accusação pessimista aquella que mais prende Bazilio e o genio dos nossos intellectuaes. O velho thema do antagonismo entre a Religião e a Sciencia, fornece aos atheus patrios milhares de andrajos, que elles juntam e alinham para exhibir em côres apparatusas. A credulidade do portuguez é de ha muito sabida, e mesmo sem alludir á inconfundivel maioria dos analfabetos, quando algum envernizado ouve fallar de Sciencia, ou de Civillisação, ou de Progresso, em linguagem empolada,

¹ Anatole France — *Le Jardin d'Epicure*.

adopta immediatamente o que lhe receitam, não vão taxá-lo de retrogrado, ou adivinhar-lhe como Bazilio « penuria de intellecto ». Um doutorsito que vae da Universidade para a aldeia paterna, sempre que discursa aos rusticos arregala-lhes os olhos, e as suas palavras embora muitas vezes traductoras de falsos conceitos, são havidas e respeitadas como um evangelho.

Bazilio acreditou Portugal uma aldeia, a ingenuidade dos intellectuaes semelhante á ingenuidade dos rusticos, e, com fóros de auctoridade, malhou na esbeirada bigorna da hostilidade entre a Religião e a Sciencia.

« A Religião — diz Bazilio — synthese prematura e infantil de hypotheses, tinha forçosamente de recuar na sua lucta com o verdadeiro pensamento, com o pensamento scientifico » ¹. Quer dizer: — a Sciencia, formada de certezas, de verdadeiras realidades, havia de chocar com a Religião, tecida de hypotheses, e força-la a capitular.

Mas, será assim? A Sciencia será, na verdade, um aggregado de factos incontroversos, um rochedo immenso contra o qual a Religião se esborôa?

Não. A Sciencia resume-se em submeter a natureza á joeira da Razão. A natureza é, por assim dizer, um grande livro cujos caracteres a intelligencia do sabio procura interpretar o melhor possível. Em redor d'esta interpretação formam-se hypotheses, urdem-se theorias, umas que se contradizem e morrem, outras que se avantajam e subsistem até que novas e mais perfeitas surjam.

A theoria de Fresnel, por exemplo, explica melhor que a theoria de Newton o phenomeno da luz. E' incontestavel que suppôr o corpo luminoso a séde d'um movimento vibratorio transmittindo-se ao ether, e os movimentos d'este impressionando o orgão da visão, está muito mais de harmonia com os factos experimentaes que suppor o corpo luminoso o emissor de pequenas particulas propagando-se até á retina.

A hypothese de Laplace, por exemplo, dá para a formação dos planetas uma solução mais acceitavel que as hypotheses anteriores, e não desmente os conhecimentos que temos das nebulosas, da attracção e da força centrifuga.

¹ *Questão Religiosa*, pag. 19.

No entanto, quem poderá afirmar que a theoria de Fresnel, a hypothese de Laplace, tantas outras theorias e hypotheses são o facto real, e, por isso, insubstituíveis, perpetuas?

Não tem a hypothese de Laplace as más graças do astrónomo Faye, que sustenta não ter o sol jámais abandonado uma particula da sua massa, e a condemnação de vastas auctoridades scientificas que perseverantemente se dedicam a estes estudos?

Não veio a radioactividade descoberta por Becquerel causar uma profunda revolução nas theorias scientificas, destruindo o que ainda ha 20 annos era indiscutível para os physicos e para os chimicos?

A Sciencia é um corpo de theorias mais ou menos perfeitas explicando os factos que ante nós se desenrolam, theorias que ou se vão apagando, ou revivendo, ou generalizando, mediante as observações dia a dia feitas.

Sem duvida que todas as investigações marcham para um termo, que a Sciencia possui leis geraes, immutaveis, principios a todo o instante verificaveis. Mas, as certezas, as verdadeiras realidades da Sciencia, não fazem *recuar* os verdadeiros principios da Religião. Não ha um só facto scientifico, reconhecidamente positivo, que brigue ou embata com os puros ensinamentos da Religião. A doutrina genesiaca, a explicação christã do universo, está de pé, sem receber desmentido o mais parcial.

Não. A Religião não é como diz Bazilio, como dizem os intellectuaes patrios, uma «synthese infantil de hypotheses». A Religião, na sua essencia, é uma synthese de certezas, das mesmas certezas que a Sciencia compendia. A Religião não tem «forçosamente de recuar na lucta com o pensamento scientifico». Tudo o que, affectando a origem dos mundos, o pensamento scientifico, ao cabo de labor intenso, de estudos porfiados, guinda á cathegoria de principio indestructível, já a Religião o tem no seu livro escripto em linguagem humilde e simples.

Ou o verdadeiro pensamento scientifico resume-se para Bazilio, como para os intellectuaes nas phantasias de Haeckel, nos desvaneios de Mortillet, nas comicas invenções de atheismo fogoso? Bazilio não define bem a sua filiação scientifica, mas os intellectuaes, discipulos ou mestres, cerebrações luminosas retinindo no mesmo numero de vibrações, respondem por elle affirmativamente.

O que vale, no entanto, esse reducto em que se entrincheirou

o intellectualismo? Em face do seu positivismo intransigente, como admittir as theorias de Haeckel e como admitti-las ante a Sciencia verdadeira? O que ha de positivo, de averiguado, de scientifico, na arvore genealogica do homem que Haeckel apresentou, compostas de formas ancestraes imaginarias e de relações não menos imaginarias d'essas formas com as formas realmente existentes?

Os hypotheticos predecessores dos pro-simios e simios actuaes derivando d'um archi-primate imaginario, o gibbão primitivo d'um macaco primitivo imaginario, o *archipithecus*, do gibbão primitivo derivando um homem primitivo imaginario, sem o dom da palavra, o *pithecantropus alalus*, d'este o homem estúpido, e d'este finalmente o *homo sapiens*,¹ tal é a famigerada arvore de Haeckel, que, no dizer de Du Boys Reymond, tem « perante a Sciencia pouco mais ou menos o mesmo valor que as genealogias dos heroes de Homero perante a Historia ».

O prof. Branco, director do Instituto de Geologia e Paleontologia da Universidade de Berlim, no 5.º Congresso Internacional de Geologia, realisado em 1901, infligiu pleno desmentido ás theorias phantasistas de Haeckel, demonstrando, com o auxilio da paleontologia, que « o homem *apparece de repente e sem intermediário*, como um perfeito *homo sapiens*, não se con'ecendo antepassados terciarios d'elle ».

Na embryogenia tambem as phantasmagorias de Haeckel não topáram guarida. Hamann, seu discipulo, denunciou-o um falsificador, quando « para provar a semelhança dos óvulos do homem, do macaco e do cão, Haeckel reproduziu trez vezes a mesma gravura, attribuindo-a successivamente já a um, já a outro d'estes seres »². E a revelação de Hamann foi confirmada por His, Semper, Rutimeyer e Pfaff.

Que dizer ainda d'esse montão de invenções forjadas com o proposito unico de atacar a Religião? Gabriel de Mortillet, rebelde ao dogma, a tudo quanto não fosse experimental, não *creou* um sêr de que ninguem possui o mais leve testemunho, e não procla-

¹ *Über unsere gegenwärtige kenntnis von Ursprung des Menschen*, conferencia de Haeckel no 4.º Congresso Internacional de Zoologia, reunido em Kambridge no anno de 1898.

² Hamann, *Entwicklungslehre und Darwinismus*.

mou a sua existencia como uma verdade só inaceitavel pelos curas e religiosos fanaticos? As tôscas quebraduras de um silex leváram Mortillet a descobrir a irrefragavel acção de um sêr intelligente; mais ainda: — a reconhecer que este sêr não era conformado como o homem d'hoje, mas um homem macaco, o *anthropopithecus*, e a descrever-lhe os caracteres com toda a minucia.

Embora Lapparent esvasse as « lendas da prehistoria » refutando a intencionalidade do lascado,¹ embora a fabrica de Guerville, das cercanias de Mantes, apresentasse silex obtidos na preparação do cimento, e em tudo identicos ao mais perfectos specimens para os quaes Reutel exigia uma acção intelligente²; embora o prof. Hertwig³, Rauff⁴, Virchow⁵, o prof. Kramberger⁶, despissem aos homens de Java e de Neanderthal o traje de *pithecantropus erectus*; — Gabriel de Mortillet ficou teimosamente agarrado ao seu imaginario anthropopithecus, e os intellectuaes dos nossos dias rendem-lhe culto fervente, porque o homem macaco é, segundo dizem, uma estocada no espiritalismo!...

Excita a hilariedade, para não dizer que provoca a compaixão tanta escassez de coherencia e de sciencia... Pois, interrogando Mortillet sobre o uso que poderia têr feito dos seus decantados silex um animal que não exercia nenhuma industria, não respondeu o afamado anthropologista: « era para se coçar quando as pulgas o atormentassem »? Pois, não são estes intellectuaes positivistas intolerantes em materia de religião, dogmaticos obedientes em materia de sciencia?

Pobre intellectualismo!... O pensamento scientifico a que busca ancorar-se para fazer recuar a Religião, é exauctorado e obrigado a recuar na lucta com a verdadeira Sciencia... A propria barcaça em que navega, o positivismo, perdeu já o equilibrio no embate com os vagalhões da critica...

¹ Lapparent, *Les silex taillés et l'ancienneté de l'homme*.

² Lapparent, *Les silex taillés et l'ancienneté de l'homme*.

³ Ricardo Hertwig, *Lehrbuches der Zoologie*, 7.^a ed.

⁴ Rauff, *Über die Altersbestimmung des Neanderthalsmenschen und die geologischen Grundlagen dafür*.

⁵ Discurso pronunciado no 3.^o Congresso Internacional de Zoologia refutando as conclusões de Eugenio Dubois sobre o homem de Java.

⁶ Gorjanovic-Kramberger, *Der diluviale Mensch von Krapina und sein Verhältnis zum Menschen von Neanderthal und Spy*.

E Tyndall, um dos pilotos, confessou, em Belfast, a impotencia dos remos: — « Tenho reconhecido por muitos annos de observação sobre mim mesmo, que não é nas horas de lucidez e de vigor que o evolucionismo materialista se impõe ao meu entendimento, é que na presença de mais solidas e sãs cogitações sempre se dissolve e desaparece, por isso que não dá solução ao mysterio em que vivemos e do qual fazemos parte ».

Tyndall era justo: — o positivismo expunge o divino como realidade incapaz de dissecar-se, e auréola a materia de todos os attributos da divindade, como dizia Senna Freitas ¹; fá-la eterna, immensa, omnipotente.

A escola agnostica abriu fallencia como escola atheia. A philosophia de Comte e de Spencer transmudou-se n'uma religião. Brunetiére, espirito de sabio dourado pelos raios da Fé, « utilizou » o positivismo em favor do Catholicismo ². Talvez irrite Bazilio e os nossos intellectuaes retirar Augusto Comte da galeria dos seus caudilhos. Mas, não affirmou elle « a irrecusavel necessidade relativa, intellectual ou social dos dogmas que mais azedamente teem sido censurados ao Catholicismo »?

É uma obra de misericordia guiar os myopes, e os nossos intellectuaes soffrem lamentavelmente d'essa doença. Pronunciam as sentenças por uma observação superficial, quando o julgamento d'um pensador demanda um estudo profundo, minucioso, demorado.

Quantas vezes o intellectualismo vae buscar o testemunho de Rénan, amigo que parece fazer as delicias de Bazilio, para mostrar o declarado antagonismo das sciencias historicas com o Christianismo? E não procederá assim victima da sua myopia? É facto ter Rénan escripto que apenas a critica historica e a philologia lhe derrubaram a Fé. Todavia, não é verdade Rénan desmentir esta affirmação em muitas das suas obras? Se o intellectualismo rebuscasse na bagagem do auctor do *Futuro da Sciencia*, encontraria farto recheio para o convencer da origem philosophica da incredulidade de Rénan.

N'uma carta dirigida ao Padre Cognat diz o estylista da *Vida de Jesus*: — « no momento em que caminhava para o altar para

¹ Conego Senna Freitas, *Doutrina Positivista*.

² Fernando Brunetiére, *De l'utilisation du positivisme*.

receber a tonsura, já me sentia invadido por terríveis dúvidas ». E quando recebeu a tonsura, em Issy, ainda não conhecia o hebraico nem a exegese; foram-lhe ensinados mais tarde em S. Sulpicio. Identica confissão faz Rénan nos seus *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*, identica prova se adquire atravez de muitos textos das suas obras. Pierre Lasserre, n'um estudo brilhante de erudição, profundo de critica, demonstrou, ainda ha mezes, que a ruina da Fé em Rénan não pode ser attribuida a razões de ordem philologica ¹.

Mas, o nosso intellectualismo é myope em tudo: — na observação, na coherencia, na logica. Bazilio escreve: — « se o Deus transcendental da religião em vez de symbolo moral, fôsse uma realidade objectiva, com toda a certeza a Sciencia o encontraria nas suas investigações d'essa immensidade exterior » ².

Deus não passa, então, d'um symbolo moral? A Sciencia não tem, então, « necessidade da concepção transcendental », do « quer que seja de inintegravel no universo actualmente conhecido? » Não ha, então, um principio distincto da materia, um principio creador e organisador? Se tudo se reduz á materia, se todos os factos são derivados da natureza inanimada, como explica Bazilio o facto da vida, e o facto subjectivo, factos que elle proprio reconheceu como objecções poderosas? ³

Com esta evasiva engenhosa: — « até agora nada sabemos »; « o problema espera ainda solução ». Ccmmodo refugio este até agora que a todo o instante accode aos labios do intellectualismo, legião de cysnes e de aguias!... Depois de inventarem e architectarem ao sabôr de suas doces phantasias mil hypotheses estultas, depois de essas hypotheses cairem uma a uma atagantadas pelo chicote vigoroso da Sciencia, respondem e argumentam com um salvador « até agora »! Mas, senhores intellectuaes, a Sciencia poderá evoluir, as investigações scientificas poderão rasgar novos e mais fulgidos horizontes, os sabios poderão esclarecer milhares de phenomenos ainda nas trevas, o que nunca se poderá é imaginar leis que se opponham ás leis da Natureza. E o pensamento, como

¹ *Revue hebdomadaire*, conferencias de Pierre Lasserre sobre Erneste Rénan.

² *Questão Religiosa*, pag. 37.

³ *Questão Religiosa*, pag. 38.

a origem da vida, como o facto da vida, serão *sempre* irreductiveis á materia.

A hypothese que considerava o pensamento um movimento, e que Herzen adoptou, a hypothese que fazia do pensamento uma transformação do movimento e que Spencer seguiu, a hypothese que reputava o pensamento uma fórma da energia pensante e que Solway abraçou, todo esse matagal de hypotheses semeado á roda do pensamento, foi derrubado pelo tufão da critica, arrastando na queda ingente os pobres e rachiticos arbustos de Büchner e Vogt.

A materia não póde dar origem a um *eu* pensante, a um *eu* permanente, indivisivel, livre; os factos subjectivos nunca poderão reduzir-se aos factos objectivos. « E' absolutamente impossivel — diz o proprio Claus no seu *Traité de Zoologie* — explicar a existencia, leis e caractéres dos phenomenos psychicos, pelas propriedades e forças da materia bruta ».

Da mesma forma, a origem da vida nunca poderá reduzir-se á natureza inanimada. A esperar-se ainda solução para este problema, como quer Bazilio, tinha de confiar-se na geração espontanea. E a geração espontanea está irremediavelmente fóra da Sciencia. Diminuída a pouco e pouco pelas investigações de Redi, Van Beneden, e Balbiani, recebeu de Pasteur o golpe mortal.

Em vão alguns naturalistas a teem querido rehabilitar e impôr. O doutor inglez Charlton Bastian, em quem Pasteur denunciou uma ignorancia supina, affirmou ainda ha dias ter obtido por « pequenos crystaes de sulfato de cobre semeados n'um meio fortemente gelatinoso, uma plantula assemelhando-se particularmente a um *bolôr*, a conidiophoros de mildium, por exemplo ». Pouco duradouro foi o triumpho de Bastian, que o illustre aeademico Gaston Bonnier depressa lhe metteu a pique a espontanea geração ¹.

E' que se ha experiencias de exito incontroverso, de resultado absolutamente infallivel, essas são as experiencias de Pasteur verificadas « em todos os laboratorios do mundo onde se estuda a medicina experimental, a physiologia, as fermentações, a chymica biologica », e se « estabelecem cada dia novas culturas de micro-organismos determinados, culturas verdadeiras », nos meios mais variados.

¹ *Revue hebdomadaire*, n.º 13, *Encore la génération spontanée!* por Gaston Bonnier.

O *omnis cellula ex cellula* é um principio tão seguro como o principio de Newton e o principio de Kepler. E Ferrière disse, com razão: — « desde que as Sciencias naturaes estabeleceram que o ponto de partida de todo o ser vivo é um germen, segue-se que a origem da vida sobre o globo implica a existencia de uma causa primaria »¹.

Ao invéz da asserção de Bazilio, a Sciencia, nas suas investigações, encontra um principio « inintegravel na natureza inanimada » um principio creador, e organisador, Deus. Ao invéz de Bazilio, o eminente physico inglez Faraday, bem conhecido pelas suas leis electricas e magneticas, proferindo n'uma lição o nome de Deus, ajuntou-lhe, sem tibiezas: — « Surprehendi os que me escutam fallando aqui de Deus; se isso não succedeu até agora é porque eu sou n'estas lições um representante da sciencia experimental. Mas a noção e o respeito de Deus chegam até ao meu espirito por vias tão seguras como aquellas que nos conduzem ás verdades de ordem physica ».

E não accusou Bazilio a Religião de cingir-se á concepção transcendental, affirmando ao mesmo tempo que a Sciencia, fructo da concepção immanentista, não é atheista nem theista, como não é moral nem amoral? Se a Sciencia não é materialista nem espiritualista, o que afinal já muita vez se escreveu, para que ha-de a Religião deixar de ser transcendental? A concepção immanentista poderia satisfazer ao homem se o homem fôsse sómente uma *intelligencia*; mas, além de intelligencia, o homem é uma *vontade*.

A concepção transcendental impõe-se ao homem como a concepção immanentista. Associa-las harmonicamente, *concilia-las* n'uma doutrina, tal é a inspiração d'uma philosophia de acção, essencialmente religiosa, que Sueur reputa a mais profunda necessidade da nossa epocha², e que conta por obreiros Bergson, Boutroux, Fonsegrive.

Bazilio não comprehendeu a natureza humana, as mais poderosas necessidades do homem, e apregooou o reinado da concepção immanentista, o maior erro, o erro que fez desmoronar todo o racionalismo contemporaneo.

¹ Cit. por Guibert, *Les Origines*.

² Albert Sueur, *Intellectualisme et Catholicisme*.

Meus senhores:

Eu não conheço pessoalmente Bazilo Telles. Ouvi um dia citá-lo como mestre abalisado em Finanças. Será. Eu não discuto aqui a Sciencia dos «*superavits*». Discuto Religião, e em Religião, Bazilio vae pouco além d'um alumno de instrucção primaria. Enchistou em doutrinas poeirentas, e do seu retiro do Douro, com a presumpção d'um intellectual, accusa a Religião como incapaz de «*influir na mentalidade superior*», argue a moral christã como «*rótulo vistoso para encobrir mercadoria avariada*», no mesmo instante em que os talentos mais cultos ajoelham perante o altar, e os mais brilhantes psychologos sociaes affirmam, depois de inqueritos rigorosos, que «*regeitar a lei christã, é interromper a civilisação, revocar a barbarie e o chaos*»¹.

Eu não conheço pessoalmente Bazilio Telles. Se o conhecesse, iria dizer-lhe que rasgasse e queimasse as paginas da sua obra. O intellectualismo falliu. A aridez dos seus templos não vivifica, asphyxia, não impulsiona, acobarda.

A geração d'hoje não é a irreverencia cruel, a descrença alvar. E' o testemunho vivo da alliança entre a Religião e a Sciencia, a unificação grandiosa de Pascal e de Pasteur. A geração d'hoje irrompe para a Fé, galga em ardentes hosannas as rampas do Calvario, a geração d'hoje ama a Cruz, adora o lenho bemdito, como a explicação unica do Universo.

MANOEL CERQUEIRA GOMES.

Alumno da Faculdade de Medicina do Porto.

¹ Charles Morice, *L'Amour et la Mort*.

Acção social catholica

Condições geraes das obras sociaes

Estudo das obras.—Feito o estudo do meio e conhecida a obra ou obras que melhor se adaptam a elle e que mais convém fundar, não se deve proceder desde logo á fundação. E' necessario que n'esse meio existam pessoas habilitadas a comprehender as obras, a sustentá-las, a dirigi-las, a prestar os serviços que o regular funcionamento d'ellas exige. Ora estes elementos não apparecem por geração espontanea. As pessoas não nascem habilitadas; tem de preparar-se por um estudo previo.

É necessario que conheçam a natureza da obra que se pretende fundar, o fim que se propõe e os meios de que se serve para realisar o seu fim. Não basta conceber um projecto e pôr na execução d'elle uma forte dedicação e o calor do enthusiasmo. O homem d'obras não se improvisa; o trabalho social requer uma aprendizagem, como todos os trabalhos de alguma importancia.

Como já anteriormente observamos, muitas obras, fundadas aliás em grande dedicação e boa vontade, viram-se condemnadas ao insuccesso, por vezes mesmo ao aniquilamento, porque não assentavam em bases solidas.

Os seus fundadores e dirigentes careciam da sciencia indispensavel.

Não se deve esquecer que o trabalho social tem uma difficuldade que não existe em outros trabalhos, porque lida com as *vontades* de muitos individuos, e sabe-se quanto é difficil orientar, coordenar, disciplinar e unir as vontades.

« Ha para todas as obras um conjuncto de methodos e de direcções que são já o fructo da experiencia: desprezar o estudo d'elles, para fazer-se um methodo proprio, seria praticar um acto de presumpção e correr a um desastre certo. Não é temerario dizer que é esta ignorancia dos methodos que causa o maior in-

sucesso nas obras. Isto é de toda a evidencia; todo o mister precisa de ser aprendido. D'outra sorte, por mais que alguém force o seu *talento*, não faz nada com successo ¹. » Quantas decepções se teriam evitado, se, antes de fundar um syndicato, uma mutualidade, qualquer aggremação de ensino, de protecção ou de defesa social, se conhecesse melhor a sua natureza, o seu mechanismo, as difficuldades que é preciso vencer, os recursos com que é preciso contar!

Portanto, antes de fundar qualquer obra, é indispensavel fazer, não só o estudo do meio, mas o estudo da propria obra. E este estudo tem de ser theorico e pratico.

Como se faz o estudo. — O estudo theorico das obras pôde fazer-se nos *livros*, nas *revistas* e em certas *biographias* de pessoas que se dedicaram aos trabalhos sociaes.

Os *livros e revistas* a que nos referimos devem ser criteriosamente escolhidos, entre as melhores publicações da especialidade. Ha-os feitos com tal clareza e precisão, que qualquer pessoa de mediana cultura pôde aprender a sua doutrina. Outros, pelo contrario, são difusos e confusos, não se prestando a uma aprendizagem rapida. No fim d'este trabalho tencionamos publicar uma nota bastante completa dos livros e revistas que mais se recommendam e que podem ser lidos com maior vantagem. Por agora indicaremos apenas, como mais faceis de consultar e mais accessiveis ao publico portuguez, as seguintês publicações: *Pela Acção Catholica*, por Mr. Gouraud, bispo de Vannes, traducção portugueza do P.^o Francisco de Sequeira, á venda em quasi todas as livrarias; *Manual Social Pratique*, publicado pela Action Populaire, Rue des Trois-Raisinets, 5, Reims, França; *Le Mouvement Social*, grande revista mensal, publicada pela mesma empresa; *La Paz Social*, revista mensal, publicada em Madrid, Duque d'Ossuna, n.^o 3; *L'Éducation Populaire*, de Max Turmann, Liv. Gabalda; *Curso de Economia Social*, do P.^o Antoine, traduzido em portuguez pela empresa da *Revista Catholica*, de Vizeu; *O que pode hoje um pirocho*, brochura que especialmente se recommenda ao clero, publicada pelo Arcypriste de Huelva e traduzida em portuguez pela mesma empresa da *Revista Catho-*

¹ Mr. Gouraud, bispo de Vannes, *Pour l'action catholique*, pag. 170.

lica; *Vademecum del propiandista de syndicatos obreros*, por Le Soc, Bibliotheca da Paz Social, e em geral as publicações da *Action Populaire*, da *Bonne Presse*, da *Jeunesse Catholique*. Entre nós merecem tambem referencia alguns volumes da excellente collecção *Sciencia e Religião*, publicada pela Livraria Povoense, Povo de Varzim. Das *biographies* de homens d'obras julgamos muito proveitosas a *Vie de Maurice Maigneu*, fundador dos Circulos Catholicos de Operarios em França; *Ma Vocation Sociale*, do Conde Alberto de Mun, presidente da Obra dos Circulos.

Estas publicações fornecerão o conhecimento theorico, senão muito profundo nem completo, sufficiente, todavia, para se comprehender a natureza, o objecto, o fim e os methodos da acção social catholica.

Este estudo pessoal, feito nos livros, é bastante penoso e demorado, sobretudo para as pessoas que possuam uma reduzida cultura intellectual. E, mesmo para as pessoas cultas, demanda uma certa força de vontade, uma persistencia e uma tenacidade que muitas vezes se não possuem.

D'aqui a vantagem de recorrer a outros processos de estudo, mais simples, mais attrahentes, mais rapidos e menos trabalhosos.

Esses processos consistiriam em frequentar um *Curso* de sciencia social, em assistir a *conferencias* feitas por homens competentes n'esta materia, em fazer parte de um *Circulo d'Estudos Sociaes*, em *consultar os mestres* n'este ramo de saber, em viver e conversar com individuos que sobre taes assumptos possuam uma cultura acima do vulgar. Felizmente, estão-se organisando por todo o paiz aggremações de juventude catholica, onde as questões sociaes começam de ser estudadas com justificado interesse. Do seio d'essas aggremações sahirão no futuro os dirigentes e os fundadores d'obras, que até agora difficilmente se poderiam encontrar. A existencia d'estas aggremações não dispensa todavia o estudo e o trabalho individual d'aquelles que se sentem com disposições para a acção social catholica e julgam um dever prestar-lhe o seu concurso.

Mas, como diziamos, não basta o estudo theórico; é preciso tambem o estudo pratico, e este é para muitos difficil de fazer,

por não terem ao seu alcance uma obra já fundada e bem dirigida, onde possam observar as condições do seu funcionamento. A maior parte dos estudiosos será no entanto possível visitar uma ou outra obra mais próxima, examinar a sua instalação, o seu regulamento, a sua escripta; informar-se com os dirigentes d'ella ácerca dos processos que adoptam, dos recursos que possuem, dos meios que empregam e dos resultados que alcançam.

Uma vez adquiridos os conhecimentos geraes ácerca da acção social catholica, e os conhecimentos especiaes mais indispensaveis á obra que n'um determinado meio se projecta realisar, é então o momento opportuno de começar a propaganda da obra e promover a sua fundação.

Como se faz a propaganda das obras sociaes. — A obra social é um organismo vivo, comparavel, portanto a uma planta para cuja cultura é preciso preparar o sólo e conhecer o ambiente. Ora a preparação do meio social exige um habil trabalho de propaganda. Feito o estudo do meio e da obra a fundar, cumpre tornal-a conhecida e desejada, fazer interessar n'ella os elementos aos quaes se destina, persuadindo-os da sua vantagem e utilidade. Um a um, devem procurar-se os individuos que possam vir a formar o *nucleo fundador*. Como as obras sociaes catholicas devem manter-se ao abrigo da disciplina da Igreja e organizar-se dentro da sua hierarchia, importa que o parochou quem representa a auctoridade ecclesiastica da localidade tenha conhecimento d'ellas, seja ouvido sobre a sua organização e lhes preste o seu concurso. De passagem diremos, ainda que com sincera mágua, que muitos parochos e outros membros do clero portuguez, uns por ignorancia, outros por indifferença, outros por incompetencia, criam a maior difficuldade á fundação de qualquer obra social nas suas parochias. Não só lhes não prestam o concurso que deviam, mas até as embaraçam e hostilizam.

Além de se entenderem com os parochos ou outras auctoridades ecclesiasticas, os propagandistas das obras sociaes precisam de conhecer bem a legislação civil applicavel, para ao abrigo d'ella poderem fazer as suas reuniões, sessões preparatorias, conferencias, comícios, etc.

O trabalho fundamental da propaganda consiste em preparar um *nucleo* ou formar uma *élite* dirigente.

Só por meio das *élites* as obras sociaes podem prosperar. E'

uma lei geral, ha muito verificada. O proprio Jesus Christo seguiu este methodo na obra incomparavel da redempção. Os apóstolos constituiram o seu grupo d'*élite*, especialmente preparado para o trabalho sobrehumano de evangelisar o mundo.

A Igreja Catholica segue o mesmo methodo do seu divino Fundador. O que é o sacerdocio se não uma *élite*, especialmente preparada para continuar a obra da christianisação? O que são as congregações religiosas senão grupos d'*élite* dentro do proprio sacerdocio e das christandades em geral? E dentro do proprio sacerdocio, dentro das proprias congregações, *élites especiaes* existem, encarregadas das funcções dirigentes, para as quaes se requer maior competencia.

Na organisação corporativa da Edade-Media este principio foi seguido e esta lei respeitada. A cavallaria e as corporações suscitavam as *élites*.

A revolução fez tabua raza de tudo isto, confundindo as classes, pregando a falsa doutrina de um egualitarismo anarchisador, contrario á natureza e ao progresso social.

O trabalho fundamental do propagandista das obras sociaes, consiste, pois, como diziamos, em formar as *élites* dirigentes.

Porque meios? Pela palestra, pela conferencia, pela convivencia, pelo fornecimento de livros, revistas e jornaes que tratem da acção social catholica, por um trabalho pessoal intelligente e persistente.

O melhor de todos os processos, desde que se obteve a adhesão de mais de meia duzia de pessoas, é organizar um *Circulo d'Estudos*. Dos Circulos d'Estudos é que sahem as *élites* bem formadas. Pela natureza especial do seu mecanismo, elles prestam-se a formar o *espirito social*, que é a condição mais importante para o bom exito de todos os emprehendimentos n'este campo.

N'outro logar diremos como se installa e como funciona um *Circulo d'Estudos*.

Não podendo, porém, recorrer-se a este meio, cumpre que o nucleo fundador ou a *élite* dirigente sejam preparados por quaesquer meios que o propagandista tenha ao seu alcance. E n'isto muito póde fazer a sua industria e senso pratico.

Obtida a adhesão de um grupo de individuos, preparada a *élite* por este trabalho prévio, para o qual póde pedir-se a cooperação de alguma pessoa de prestigio, de um conferencista ou ora-

dor suggestivo, cumpre então alargar a propaganda, promovendo a adhesão de outros elementos. Isto pôde conseguir-se convidando-os individualmente, expondo a cada um as vantagens da obra, ou promovendo reuniões onde um orador de prestigio, conhecedor da obra e capaz de bem se recommendar, use da palavra. Servem tambem para este effeito certas *folhas soltas* e folhetos de propaganda, escriptos especialmente para o povo. Por vezes adoptam-se com vantagem as *excursões* de propaganda, em que oradores de nomeada, acompanhados de membros de aggremações já existentes, vão expôr a doutrina social catholica sobre um determinado assumpto ou encarecer uma determinada obra.

N'estas excursões convém sempre fazer duas conferencias: uma publica ou pelo menos dirigida a todos os individuos que assistem á reunião; outra privada, especial para aquelles individuos que hajam de constituir o *nucleo* fundador da obra, a futura *élite* dirigente. Assim se fez em Hespanha, com reconhecido exito, a propaganda dos syndicatos agricolas catholicos.

São admiraveis, como modelos d'esta propaganda as *conferencias* do padre Vicent, grande propagandista da acção social catholica, recentemente fallecido em Madrid.

Chronica do movimento social

França. — Realisaram-se em 26 d'abril as eleições geraes de deputados. A imprensa deu já noticia do resultado final do apuramento, distribuindo os candidatos eleitos pelos diversos partidos da forma seguinte: conservadores 22; liberaes 58; progressistas 55; republicanos democraticos 77; radicais unificados 181; socialistas 102; independentes 23. O que sobre tudo aqui importa registar é a orientação ou programma com que os diversos partidos se apresentaram ao sufragio. A *Acção liberal Popular*, que representa a politica do *ralliement* e durante muito tempo pretendeu apresentar-se como o partido catholico, limitou-se a inscrever no seu programma as seguintes medidas: lei militar dos tres annos de serviço, equilibrio de orçamentos, realisado por economias e taxas sobre os sinais exteriores da riqueza, questão escolar, etc. A *Federação Republicana*, composta principalmente de republica-

nos progressistas ou moderados, inscreveu: reforma eleitoral, reforma financeira, defeza nacional, decentralisação administrativa.

Os *Republicanos da esquerda* inscreveram: organisação das forças nacionais, libertação do Estado leigo, união dos republicanos. Os *Radicaes unificados* inscreveram: lucta contra o conservantismo militarista, financeiro, social, e contra a reacção clerical. Os *Republicanos socialistas*: regresso á lei militar dos dois annos, imposto global e progressivo sobre o rendimento e sobre o capital, com declaração obrigatoria, defeza escolar, defeza leiga. Finalmente os *Socialistas unificados* inscreveram: lucta contra o nacionalismo imperialista e militarista, contra o briandismo, etc. Vê-se que, a respeito de reformas sociaes, todos os programmas eram ommissos, e que a grande lucta eleitoral se debateu em torno da questão militar, da questão financeira e da chamada defeza leiga ou anti-clericalismo. As organisações catholicas entraram na lucta em algumas dioceses, designadamente na provincia de Bourges, em Reims, Puy, La Rochelle, Paris, etc.

As organisações corporativas tambem se manifestaram em muitas localidades. No entretanto manda a verdade dizer que os catholicos ainda d'esta vez não souberam nem quizeram cumprir o seu dever. Na maior parte das circunscriptões, ou se absteram ou deram os seus votos aos candidatos liberaes. Os resultados do acto eleitoral não lhes offereceu melhoria de situação.

O que desde logo resalta ao espirito de quem os examina, é a derrota dos chamados grupos liberaes e o triumpho dos radicaes e dos socialistas. Soube-se que em alguns circulos os catholicos e os realistas preferiram votar nos candidatos socialistas a votar nos liberaes, e com justas razões. O liberalismo tem sido em França, como em todos os paizes, a ruina da Igreja e dos interesses nacionais. Ha quem preveja para um prazo de tempo não muito recuado o desaparecimento da terceira republica. Não emittiremos opinião sobre o valor d'estas previsões. O que podemos provar com segurança é que, a continuar o regime parlamentar em França, grande lucta eleitoral virá a debater-se quasi exclusivamente entre catholicos e socialistas. Os partidos intermedios, mais ou menos pintados de liberalismo, serão necessariamente eliminados.

Poucas leis de character social foram votadas ou discutidas no mez d'abril. Devemos entretanto registar as modificações ao decreto sobre trabalhos prohibidos ás mulheres e ás crianças. Alar-

gou-se a applicação d'um decreto aos estabelecimentos commerciaes, e á confecção e venda de objectos offensivos da moralidade. Discutiu-se a reorganisação do ensino profissional agricola, a adaptação de um *livreto de menoridade* para os rapazes e raparigas que desertam dos campos, *livreto* que elles seriam obrigados a fazer *visar* pela auctoridade sempre que mudassem de residencia.

Em 15 de março do anno corrente entrou em vigor a lei que estabeleceu os tribunaes para crianças. Esta lei modifica consideravelmente a organisação judiciaria e o antigo direito penal. As crianças menores de 13 annos, accusadas de infrações havidas como crimes ou delictos, são subtrahidas aos tribunaes superiores e submettidas a medidas de vigilancia e assistencia; as de 13 a 18 annos são entregues a tribunaes com jurisdicção especial. Procura-se d'esta maneira pôr travão á criminalidade infantil, que nos ultimos annos tem crescido assustadoramente. Parece-nos todavia, que emquanto prevalecer a escola leiga o mal não terá remedio, por mais engenhosas que sejam as reformas introduzidas na legislação.

*

Já chegou á França o contagio das suffragistas inglezas, cujas diabruras todas as semanas dão farto assumpto ás gazetas. A chamada *Liga do direito das mulheres*, por occasião das ultimas eleições, promoveu diversos meetings e dirigiu-se a todos os deputados, reclamando a egualdade civil, economica e politica.

*

Na notavel revista *La Vie Syndicale* veio publicada uma estatistica ou recenseamento de todas as organisações syndicalistas existentes em França. Lá se vê que o syndicalismo, longe de progredir, enfraqueceu no anno passado. Não obstante, a grande victoria eleitoral pertenceu aos socialistas. Vê-se tambem que a organisação do syndicalismo catholico é ainda muito imperfeita, e isto explica em parte o escasso numero de candidatos que conseguiram eleger.

As massas operarias, como se nota na citada revista, continuam hostis ou indifferentes ao catholicismo. Por isso mesmo é necessario redobrar de esforços e estar precavido contra o desanimo.

Allemanha. — Um dos grandes problemas a resolver na vida social d'este paiz é a questão dos *sem trabalho*.

Na maior parte das cidades a falta de trabalho torna-se permanente. O numero de operarios desempregados cresce por uma forma alarmante. A população accumula-se nas cidades. Dá-se ainda a concorrência de operarios estrangeiros, favorecida por empreiteiros que lhes pagam por preços menos elevados. A lei sobre a assistencia obrigatoria agrava a crise por sua vez. Desde que a cummuna é obrigada a fornecer a todo o cidadão allemão que, passa de um anno se encontra sem recursos na cidade, é claro que toda a gente procura fugir dos campos, haja ou não haja trabalho na cidade. Perde-se o espirito d'economia, por se estar atido á assistencia social. De maneira que ha muitos operarios que voluntariamente se encontram sem trabalho, e que não se esforçam por sahir d'essa situação.

Varias tentativas se teem feito para resolver a difficuldade, mas sem resultados apreciaveis. Verifica-se mais uma vez que a questão social não é uma questão meramente economica nem póde resolver-se simplesmente com reformas legais. No fundo é uma questão religiosa e moral. E' preciso que entre operarios e patrões haja mais consciencia, mais fé, mais espirito christão, mais observancia dos seus deveres. Só assim os conflictos de trabalho e do salario pódem resolver-se com equidade.

Belgica. — A lei social regulamentando o trabalho das mulheres e das creanças soffreu ultimamente importantes modificações. Os restaurantes e casas de bebidas foram incluídos na categoria dos estabelecimentos onde a lei protege os trabalhos das mulheres e dos menores.

A protecção á mulher vae até ao ponto de não se permittir o trabalho em certas industrias depois das 9 horas da noite, mesmo ás que são de maior idade.

O rei póde conceder dispensas para casos particulares e justificados.

*

Por iniciativa do secretariado permanente das uniões profissionais christãs fundou-se uma Caixa Geral de garantia dos commerciantes e dos artistas, destinada a pôr em commum os capitães disponiveis e fazê-los servir ás necessidades de todos.

A Belgica, governada ha trinta annos pelo partido catholico, é o paiz que possui a mais completa legislação social. Quando estas notas forem publicadas devem ter-se já effectuado as eleições de deputados. Cremos bem que os eleitores continuarão a honrar com a sua confiança os homens que actualmente exercem o poder.

Inglaterra. — Está em vigor n'este paiz a lei de **seguro contra a doença** desde 15 de julho do anno passado. Todo o individuo de 16 a 70 annos, trabalhador ou aprendiz, paga em cada semana uma quota obrigatoria, tirada do seu salario. Por sua vez os patrões e o Estado concorrem com quotas tambem semanaes, determinadas na lei, e assim se constitue o fundo social, que dá direito a cada operario receber um subsidio semanal em caso de doença, tratamento medico e remedios.

Acaba de publicar-se um relatorio sobre a applicação da lei, e verifica-se que os resultados d'ella, sendo realmente importantes, não correspondem todavia ao que se esperava.

Os serviços medicos são sophismados. Muitos operarios, para encontrarem trabalho, vêem-se forçados a pagar a sua quota e a dos respectivos patrões. Verifica-se mais uma vez que não bastam as leis para resolver o problema social.

Hollanda. — Merece especial registo o grande incremento que vae tomando n'este paiz o syndicalismo catholico. Por uma estatistica recentemente publicada, vê-se que a acção social catholica tem uma organização poderosa e intelligente, que lhe assegura de anno para anno consideraveis progressos.

Italia. — A *União Economico Social* organisou uma federação dos bancos, cooperativas catholicas, para proteger, inspecionar e coordenar a actividade e economia de cada banco federado. Os beneficios d'estes bancos attingem sobretudo as caixas ruraes, que actualmente se elevam a duas mil.

Espanha. — Nada de importante temos a registar sob o ponto de vista da acção social. Não existe ainda uma estatistica ou recenseamento das obras sociaes estabelecidas n'este paiz, embora nos ultimos annos muito se tenha feito no sentido de valorisar as aggremações existentes e fundar aggremações novas. E' porém

forçoso confessar que em algumas provincias, e designadamente nas duas Castellas, a organização se encontra muito atrasada.

Portugal. — Depois do Congresso da Federação das Aggre-miações da Juventude Catholica, realisado no Porto nos dias 2 e 3 de maio, nenhum outro facto importante temos a registar.

Pelo que respeita á *União Catholica*, somos informados de que a organização feita na diocese da Guarda, na qual tem desenvolvido grande energia o sr. Arcebispo, não tem character provisorio, mas definitivo.

Das outras dioceses não possuímos informações; mas cremos não andar longe da verdade dizendo que nada se tem feito de positivo. Houve em algumas, quando muito, uma especie de nomeação dos *Conselhos Diocesanos*, que até hoje não deram signal de vida, como o não deu o *Conselho Central* de Lisboa, que não sabemos ao certo se existe ou não existe.

*

Nos arraiaes da *Juventude Catholica* continua-se a trabalhar, e assim é que novas aggre-miações vão fundar-se em breve no norte e na Beira, segundo foi já communicado aos delegados da *Federação* nas respectivas zonas.

*

Devemos tambem mencionar a inauguração de um *Circulo d'Estudos* para senhoras, em Coimbra, annexo á Congregaçãõ dos Filhos de Maria.

*

Dos mesmos elementos que promoveram a fundação do *Circulo d'Estudos* partiu a iniciativa da *Associação de Defeza dos Costumes Christãos*, cujas bases foram publicadas no *Imparcial* e daremos no proximo numero.

*

Esquecia-nos mencionar ainda a fundação de um *Circulo d'Estudos* em Lisboa, ao qual pertencem rapazes, alguns já for-

mados, e outros que frequentam cursos superiores. Dirige este circulo, que já tivemos o prazer de visitar, o sr. dr. Manuel Pereira dos Reis, que foi um dos alumnos mais distinctos na Universidade de Coimbra.

J. D'ALMEIDA CORREIA.

Bacharel em Theologia.

CHRONICA DO MEZ

Não é já indignação, nem colera, nem revolta que sentimos nesta hora incerta em que começam de esboçar-se sinais que não falham, livôres de perdição e morte.

Apcdera-se de nós, toma-nos todo a sombra de uma infinita tristeza que sobe e paira em vãos tremulos e lutando as almas, amortecendo inergias.

Tristesa sim, que outro sentimento não acorda em nós esta marcha cega accelerada, a caminho—sabe-se lá de quê quando se estrangulam as liberdades essenciaes de um povo e se invadem as salas onde os catholicos se reúnem para a celebração das suas festas, agredindo-os com impetos de feras ressa-biadas, saídas das jaulas infectas que enxameiam certos bairros, vindas á supuração criminosa pela criminosa inercia da autoridade, num rouco ulular de lobes esfaimados.

Era o encerramento do Congresso da Juventude Católica no Porto a que velhos e moços levaram, na candura da sua fé, pedaços de beleza moral. Discutira-se com calôr mas com elevada educação, buscando todos servir o ideal que é o segredo e a força do seu triunfo.

Festa de piedade e de ação a abrir uma clarceira no seio escuro de um pantano, festa de sciencia e arte de uma impressiva grandesa, a contrastar com a inutil retorica de tres estalos que esmalta e recheia o ôco armazem de muitos e avariados cerebros.

Ela serviu para demonstrar a incredulos a coesão e a força dos nucleos catholicos que não para afirmar o gran-estudo e talento de Salazar, a ação inquebrantavel de Zuzarte, a audacia e a eloquencia nervosa de Cerqueira Gomes.

Bem alto e vivo deve ser o prestígio de uma ideia para assim congraçar e unir, atravez das vaías avinhadas, a mocidade de um paiz que sabe o que quer e para onde vai, surda ás seduções do poder que facilmente desbravam e amaciam as asperesas da vida.

E aí das ideias que não conseguem entusiasmar, prender, fascinar o espirito da juventude!

E á volta da renascença religiosa que a despeito de perseguições e enxovalhos se vem operando nesta sociedade anarquizada por propagandas deleterias, constata-se o facto com redobrada alegria e alvoroçante esperança, tirando-se as ilações necessarias para os devidos efeitos. *Qui potest capere...*

Que êles dementados pela furia doentia do deita abaixo não olham nem atendem na atmosfera hostil, no vacuo imenso que em volta do regimen se está formando e que repele a colaboração honesta de muitos elementos sãos e de apreciavel valer politico.

Se a policia contem os discolos em respeito, como há pouco em Lisboa a quando de uma recita de caridade, exautora-se a policia em pleno parlamento; se ela como no Porto, crusa os braços e deixa agredir homens inertes, glorifica-se a policia.

Se há questões entre monarchicos e republicanos e êles apelam para a velharia medieval do duelo, proibe-se o encontro e exerce-se sobre os desavindos a mais severa espionagem; mas se êles são republicanos e vão para o campo *soi-disant* da honra, aquêl rigor abranda, dilue-se a ponto de confundir-se com a mais incorrente tolerancia.

Mas que será feito da lei republicana que baniu essa coisa ridicula e grotesca?

Anda talvez a ares pelas alturas como o incorregivel *trovador*, a curiosa e divertida figura da politica republicana que, ora se tinge e se emboldria de cosmeticos conservadores, ora mostra com arregoço o ferro ludente das bravatas jacobinas, numa singular incoherencia com laivos de ingenuidade bacôca.

E' o doloroso ruir do pedestal em que se ergueu o velho agitador dos comicios, é a decadencia triste de um espirito que talhou primores.

De tantos destroços fica, apenas, a linha que não infletiu nem conheceu curvar, a aresta viva da sua honestidade immaculada.

Que, afinal, a todos chega, cedo ou tarde, a hora do crepusculo, só a do parlamento, talvez porque êle foi inutil demora ainda, alimentada pelo oxigenio de sucessivos adiamentos para engorda dos que vão descer á vala dos ignorados, entoando com voz rouca e plangente o fado do *nunca mais!*...

Não será destes João de Freitas que mais uma vez formulou acusações concretas contra Afonso Costa e pelas quais se ficou sabendo que o antigo ministro e conspicuo fabricante de *superavits* se furta ao cumprimento da lei sempre que ela o obriga a *puxar pelos cordões á bolsa*.

Crispou-me os nervos, como um vidro que raspasse uma ferida, abalou toda a minha sensibilidade aquela tragedia horrorosa, inexplicavel, mas que confrange, aturde, fere.

Ah! Sinto-o aqui bem perto, esbelta figura de officia!, desempenado e decidido, escravo da disciplina, capaz de morrer para salvar a honra do exercito e o prestigio da sua espada.

E há um homem que lhe enterra uma faca no coração depois de lhe pedir esmola e dêle lh'a dar, condoido da sua miseria, pensando, talvez, que a sua moeda iria, por momentos, matar a fome de alguem.

Assim, estupidamente, um grevista tenta assassinar o engenheiro Santos Viegas. Tal aquele Oficial de marinha mercante assassinado na Rua Augusta e que na vespera ainda, depois de ameaçado pelo grevista despedido, tivera para êle um gesto de nobre comiserção.

Ha a loucura do crime, a allucinação do sangue.

Mata-se calculadamente, a frio, com a tranquillidade de quem bebe uma cerveja.

Mata-se assim, com requintes de preversidade, num paiz—suprema ironia! que estremeceu de horror á lembrança de que um portuguez em nome de uma lei estrangeira, mas lei em todo o caso, podesse morrer na guela metalica da maquina estranguladora de bandidos.

Valeu-lhe a bondade de um rei movida pelo sentimento de um povo.

E salvou-se o pobre coração despedaçado a amortalhar-se na dôr e na nevoa parda que enluta as paisagens britannicas, longe da bizarra e colorida garridice das rosas da sua patria a abrir em aromas, mal reparando no ciume das borboletas e do sol.

Elas são a chuva dos noivados, são a belesa e o amôr. São a graça, a piedade, o sentimento de uma raça infeliz, a ajoelhar nas ermidinhas brancas de Nossa Senhora de Lourdes, perdidas no cume esverdeado das montanhas sob as alacridades vivas da luz.

Maior vaporando o halito das rosas, rosas a abrir para Nossa Senhora...

JOÃO DE CASTRO,
Advogado.

BIBLIOGRAFIA

O sacerdocio antes de Jesus Christo, por Mons. Manuel Marinho.

Mais um livro de muito valor veio enriquecer a biblioteca catholica e nomeadamente a estante do sacerdote. Intitula-se « *O sacerdocio antes de Jesus Christo* » e é seu auctor Mgr. Manoel Marinho, presbytero virtuoso e muito illustrado, já sufficientemente conhecido pelas suas obras e traducções.

O auctor prova, admiravelmente, que o sacerdocio, embora sob diversas formas, apparece entre todos os povos e portanto que tem o character de uma lei geral, inherente á propria natureza hu-

mana. D'este modo mostra que o sacerdocio deriva do sentimento religioso.

E' um trabalho historico de muito valor, onde se estuda o sacerdocio sob a lei natural e mosaica ou, como diz o proprio auctor, teve em vista abrir uma clareira na historia, por onde se possa sem fadiga nem grande dispendio de tempo, avistar o sacerdocio atravez de todas as gerações até á sua primitiva origem e portanto chegar á conclusão de que os anti-clericais se esforçam debalde em exterminar o sacerdocio.

E', pois, um livro de grande oportunidade.

Tem 476 paginas e custa 400 reis.

F. P.

Mez de Junho

OU

Mez do Sagrado Coração de Jesus

: : POR JOSÉ AGOSTINHO : :

Approvado e recommendado pelo Rev.^{mo} Sr. D. Antonio,
Bispo do Porto

Brochado, 100 ; Encadernado, 160 reis

PEQUENO MANUAL dos Devotos do Coração de Jesus

contendo a corôa e novena do mesmo
SS. Coração

— Com approvação ecclesiastica —

BROCHADO 60 REIS

Á VENDA NA

Companhia Portugueza Editora

(SECÇÃO RELIGIOSA) — R. da Fabrica, 13

PORTO

ACABA DE APPARECER:

O PARAISO DO CHRISTÃO

PELO

Padre J. Lourenço de Mattos

Devocionario dedicado especialmente ás
jovens e ás senhoras.

É livro destinado a um grande successo,
porque versa com toda a proficiencia e espi-
rito religioso o dia, a semana, o mez e o
anno do christão.

*Approvado pelo Rev.^{mo} Sr. D. Antonio,
Bispo do Porto*

PREÇO 400 REIS

PEDIDOS Á

Companhia Portugueza Editora

(SECÇÃO RELIGIOSA) — R. da Fabrica, 13

PORTO